

FUNDADO POR ÉDSON RÉGIS
EM 27 DE MARÇO DE 1949

Correio das Artes

Fevereiro 2016 – ANO LXVI Nº 12



Flávio Tavares

HÁ 60 ANOS O MISTÉRIO
DESFILO NA PASSARELA
DE SUA ARTE



O Sesc, mantido e administrado pelos empresários do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, visa o bem-estar social dos trabalhadores do terceiro setor, seus familiares e dependentes.

Mas o público atendido pelo Sesc é muito maior. Abrange também as populações da periferia de cidades de pequeno, médio e grande porte, que são assistidas pela entidade através de parcerias com o poder público e empresas privadas.

• Educação • Saúde • Cultura • Lazer • Assistência •



O artista e a cidade

O artista plástico Flávio Tavares comemora, este mês, sessenta anos de profissão. Profissão? A palavra é inadequada para definir a atividade deste pintor. Melhor considerar o que ele faz como fruto de uma espécie de árvore misteriosa que cresce no interior de pessoas com talento para a arte.

Flávio parece caminhar pela cidade nas horas em que ela sonha, colhendo, no chão arquetípico do inconsciente coletivo, os temas de suas telas. Daí a intimidade que ele tem com os seres do encanto, as entidades do mistério, que caminham e flutuam pelas matas, mares e rios; praças, ruas e avenidas.

O artista sonha por todos nós, ou melhor, devolve-nos o que sonhamos e nem percebemos, perdidos que estamos na selva da rotina, com a sensibilidade exaurida pelo julgamento. Pelas cerdas de seus pinceis deuses

Flávio Tavares é dualismo, pluralidade e síntese. Um teatro e um cinema onde os movimentos acontecem dentro da cabeça dos espectadores.

e demônios travam a antiga batalha, ao som de um coro de seres angelicais.

A paleta de Flávio contém esmaltes armoriais. Seus retratos, paisagens e ambientes exibem formas, cores e assuntos de uma tradição

que remonta à xilogravura do folheto de cordel, estendendo-se pela Ibéria, passando pela Arábia, até chegar à Grécia Antiga, berço de nossa civilização.

Uma fauna e uma flora mítica e edênica. Mulheres sensuais, misteriosas, ora ofrenda, ora recato. O grotesco e o lírico. A penumbra e o luar, depois a explosão solar. Flávio é dualismo, pluralidade e síntese. Um teatro e um cinema onde os movimentos acontecem dentro da cabeça dos espectadores.

Se cada cidade tem o "seu" artista, Flávio parece ser o artista da capital da Paraíba. Claro, sua pintura não tem fronteiras, mas é que a gente e a terra, a cultura, enfim, desta cidade está tão bem representada na sua arte, que ela, a capital, bem que podia encantar-se em duas grandes mãos, e bater palmas para ele.

O Editor

índice



ARTES PLÁSTICAS

O artista plástico Flávio Tavares comemora 60 anos de pintura. Seu mais recente trabalho foi o grande painel do Hospital Nossa Senhora das Neves.



POESIA

O poeta Joedson Adriano escreveu um longo poema inspirado em Aquiles, considerado "o herói dos heróis" da *Ilíada*, o poema, literalmente, homérico.



ROMANCE

Leia um excerto do romance *A instrução da noite*, de Maurício de Almeida, que a Editora Rocco, do Rio de Janeiro, acaba de publicar.



CONTO

"E se Jesus voltasse à Palestina?!" é o título do conto inédito que marca a estreia do escritor Rodrigo Caldas no *Correio das Artes*.



O *Correio das Artes* é um suplemento mensal do jornal **A UNIÃO** e não pode ser vendido separadamente.

A União Superintendência de Imprensa e Editora
BR-101 - Km 3 - CEP 58.082-010 - Distrito Industrial - João Pessoa - PB
PABX: (083) 3218-6500 - FAX: 3218-6510
Redação: 3218-6509/9903-8071
ISSN 1984-7335
editor.correiodasartes@gmail.com
<http://www.auniao.pb.gov.br>

Secretário Est. de Comunicação Institucional
Luis Torres

Superintendente
Albigeo Fernandes

Diretor Administrativo
Murillo Padilha
Câmara Neto

Diretor Técnico
Walter Galvão

Diretor de Operações
Gilson Renato

Editor Geral
Walter Galvão

Editor do Correio das Artes
William Costa

Supervisor Gráfico
Paulo Sérgio de Azevedo

Editoração
Paulo Sérgio de Azevedo

Foto da capa
Antônio David

Ilustrações e artes
Domingos Sávio, Tonio e Lívia Costa



◇ artes plásticas

FOTO: ANTÔNIO DAVID
EFEITO PHOTO-PAINT - PAULO SERGIO

Flávio Tavares

ARMORIAL, UNIVERSAL:
60 ANOS DE AMOR À PINTURA

Linaldo Guedes

linaldo.guedes@gmail.com



O casarão localizado no Bairro do Altiplano Cabo Branco, em João Pessoa, está sujo de tinta. Mas não daquela tinta normalmente utilizada pelo seu proprietário para pintar quadros e telas que encantam pessoas de todo o mundo. Desta vez, são os pintores de parede que dominam o cenário da casa de Flávio Tavares, com seus andaimes, suas escadas e seus pincéis. Flávio, que completou 66 anos no dia 15 deste fevereiro, e já rodou o mundo com seu talento e sua arte, chegou a ser interrogado pelo mestre que coordena as obras que estão sendo feitas em sua residência:

– O senhor está desempregado, não é, “Seu” Flávio?

– Que é isso, amigo! Meu trabalho é esse, pintar quadros...

– Mas isso não dá sustento a ninguém, Seu Flávio. Pode falar, eu também já passei um tempo desempregado e minha mulher que segurou as despesas de casa...

O diálogo parou por aí e, enquanto o mestre de obras se voltou para comandar o serviço que está sendo feito na casa, Flávio retomou sua rotina, entre pincéis, palhetas e telas.

Uma rotina que começou bem cedo, aos seis anos de idade, é bom que se diga. Flávio ganhou recentemente o avental de pintor, coisa que nunca teve. Mas a pintura e o desenho entraram na sua vida quando tinha seis anos. Apesar da precocidade, Flávio prefere não mitificar esse seu ingresso tão cedo nas artes plásticas, ou artes visuais, como preferem os mais modernos. Afinal, lembra ele, até pela questão lúdica, toda criança que tiver em mãos material para isso, começará a rabiscar alguns desenhos no papel.

Modéstia ou não, Flávio trabalha há 60 anos com pintura, cenário, desenho e gravura. E, de certa forma, ele comunga com o pensamento do seu mestre de obras e não considera o que faz como uma profissão, “mas uma vontade misteriosa que vem de dentro da gente”. Flávio não sabe dizer onde começa a vontade de ser artista e o talento nato. Aliás, ele compara esse “talento nato” com o que acontece com um jogador de futebol. Ninguém sabe explicar porque alguns jogadores viram craques e outros são apenas medianos. “Alguns nascem com o dom de serem craques”, acrescenta.

FOTO: ANTÔNIO DAVID



Flávio Tavares recebe “o auxílio luxuoso” da esposa, Alba, na finalização do painel do Hospital N. S. das Neves



FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET

ENTRONIZAÇÃO NO MUNDO ARTÍSTICO DA PARAÍBA

O artista plástico Raul Córdula (foto acima) foi quem começou a levar Flávio Tavares para exposições. Depois, outros profissionais da área entronizaram Flávio no mundo artístico paraibano, a exemplo de Archidy Picado e Breno Matos.

Era uma época de confluência artística, sem discriminação. Teatro, música, cinema, artes plásticas... tudo se misturava. Todas as artes e vários artistas. Nessa lógica, Flávio fez seu primeiro cenário para o teatro. Foi para a peça O santo e a porca, de Ariano Suassuna. Depois, vieram cenários para trabalhos de Altimar Pimentel e de Fernando Teixeira, entre outros mestres das artes cênicas.

O trabalho de artista plástico era, então, diluído em meio às outras artes. Daí o envolvimento com nomes como Pedro Osmar, Buda, Nanego e Soia Lira, Luiz Carlos Vasconcelos e outros. “Não era um artista isolado em meu mundo”, diz. Com certeza, não. Tanto que aos 16 anos ilustrou o livro A ilha na ostra, de Sérgio de Castro Pinto, até hoje seu amigo. E assim ele foi se integrando ao que chama de “núcleo de força de elementos estéticos”. Nesse núcleo, nomes como Martinho Moreira Franco, Barreto Neto, Wills Leal e Manoel Clemente. Mas de onde vem tanto talento? Quais são suas principais referências, suas influências? Flávio Tavares acredita que a matriz de sua obra é formada pelo Movimento Armorial, principalmente de Francisco Brennand e Gilvan Samico, já que na época em que incorporou essa vertente ao seu trabalho ainda não conhecia Ariano Suassuna. “A flora e a mitologia deles estão em minha pintura”, esclarece.

Depois chegaram outros. Ou outras influências. Mexicanos, Portinari, Di Cavalcanti, principalmente. “Era uma geração que lia muito, que assistia a muitos filmes italianos, ouvia muitos músicos como Zé Ramalho, Alceu Valença, Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Ângela Maria, Cauby Peixoto, Geraldo Vandré”, lembra. Sobre alguns desses artistas, conta histórias deliciosas. De Zé Ramalho recorda bate-papos, digamos, psicodélicos, quando estava fazendo um quadro sobre o autor de “Admirável Mundo Novo”, conversa regada a muito disco voador. De Vandré, conta que hospedou o autor de “Caminhando” por seis meses, tempo suficiente para o músico compor “Tangará”, uma espécie de sinfonia.



FOTO: ANTÔNIO DAVID

Antonio David fez o registro fotográfico de todas as etapas da confecção do grande painel que Flávio produziu para o Hospital N. S. das Neves

O TEMPO RELATIVO DA **CARPINTARIA** TAVARANA

Flávio Tavares costuma levar em torno de duas semanas para concluir um quadro. Já um quadro com muitos personagens pode levar até dois meses. “O tempo da pintura é muito relativo”, observa. Tempo que sempre o leva às reminiscências da Rua da Palmeira, onde viveu sua infância. Seu pai, Arnaldo Tavares, era médico. Mas era também poeta e desenhista.

Desenho que, aliás, na avaliação de Flávio, está perdendo espaço nos tempos atuais. Para ele, hoje em dia os sobreviventes nesta arte são os desenhistas de Histórias em Quadrinhos. Da Paraíba, cita Shiko e Mike Deodato. “O desenho é a base do pintor”, ratifica. “O pintor sem o desenho não pinta. Eu me acho mais desenhista. Quando olho para você, por exemplo, olho logo seu contorno”, explica. E completa: “Claro que há exceções e existem pintores que engolem o desenhista e que são geniais no domínio da imagem, entende?”.

Flávio tem se notabilizado, também, nos últimos anos pela construção de grandes murais. Cruz da Menina, Zé Ramalho, José Américo, Estação da Ciência são alguns desses murais. O da Estação Ciências resume uma espécie de carnavalização pictórica.

O mais recente mural que fez foi para o Hospital Nossa Senhora das Neves, em João Pessoa, uma obra que faz o sincretismo entre ciência e misticismo. Conta a lenda, que uma pessoa do povo, na Itália, sonhou que ia nevar entre 4 e 5 de agosto de determinado ano. O Papa Libério também teria tido o mesmo sonho. E assim aconteceu. E assim se fez o mito de Nossa Senhora das Neves. No mural feito para o hospital, Esculápio, Hígia (medicina), menino Jesus, São Francisco de Assis (religião). São 10 metros de comprimento por três de altura onde o pintor mostrar a conexão entre a medicina e a fé.

Flávio já rodou o mundo com sua arte. Estados Unidos, Guiana Francesa, Alemanha e Israel foram alguns dos países que viram sua arte *in loco*. Para ele, a gente costuma esquecer muito da importância de nossa cultura e de grandes mestres. Lamenta terem existido períodos muitos negros na arte universal, com diversas perseguições políticas. Cita artistas como Jose Luís Cuera e Diego Rivera, mexicanos praticamente desconhecidos no Brasil. “Quando a gente se distancia dos trópicos, você vê que pinta o mundo diferente, com muito mais cores do que nos outros países”, comenta.

Flávio não se lembra de uma época em que não estivesse pintando. Quando menino, jogava bola nas ruas, como qualquer criança de sua idade. Mas sempre que chegava em casa corria para desenhar. O que ele procura com sua arte? Talvez o mesmo que Picaso, Niemeyer e Tomie Ohtake procuraram a vida toda. “A gente procura com a pena acertar o desenho de uma vez só”, explica. Se consegue, ninguém sabe. Mas é dessa procura misteriosa que vive a arte.

SOBRE O ARTISTA

DEPOIMENTOS

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



“Flávio Tavares, em sua pesquisa artística, dá asas aos seus sonhos, através de desenhos e pinturas cujos componentes principais são a representação das lembranças da infância, das paisagens oníricas de sua terra e da criação de um mundo melhor. Sua arte convida o espectador a entrar na viagem artística semeada de alegria, de encanto e de mistério.”

(Risoleta Córdula)



“Conheço o trabalho do artista plástico Flávio Tavares há 30 anos, aproximadamente. Nestas três décadas impressionou-me a constante evolução do artista e a sua capacidade de aprofundar os seus temas básicos e o refinamento dos instrumentos. Certamente, hoje, Flávio Tavares está entre os mais

importantes artistas do Nordeste e tem uma posição respeitável entre os artistas brasileiros figurativos de sua geração.”

(Jacob Klintowitz)



“Suavizada na superfície por suas cores e volumes carregados de calma sensualidade, recurso que sempre atrai e envolve o apreciador desprevenido, a pintura de Flávio Tavares, no próximo passo, como que nos arrebatada e transforma o ‘devaneio’ em mergulho profundo. Em quase todas as suas fases, a profusa emoção que emana de suas figuras, em diferentes planos, instala uma atmosfera densa de significados, transcende todo o quadro e nos conduz a indagações no mínimo inquietantes. É assim que vejo e sinto a arte de Flávio Tavares, um pintor da alma, para mim um inveterado dostoiévskiano, que se tornou, em seu luminoso trajeto, um dos maiores artistas da contemporaneidade brasileira.”

(Vladimir Carvalho)



“O artista surpreende-se, subverte, registra tudo em sua volta, neste desfilar de mistério por onde transitam flores, pássaros, florestas, bichos acuados, gente perplexa ou contemplativa, nas horas que vão se sucedendo entre o céu e a terra num tempo marcado para acabar.”

(Hermano José)



“A obra de Flávio Tavares é fruto de 40 anos de processo contínuo, que resultou em uma linguagem artística perfeitamente adequada à sua expressão plástica. Para perceber sua poética é necessário compreender, ao mesmo tempo, as imbricações da concepção estética, a criatividade da imagética e o percurso de sua produção, manifestados em meios expressivos diferenciados e em variações técnicas que nos auxiliam, inclusive, na compreensão da arte contemporânea.”

(Elvira Vernaschi)

Linaldo Guedes é poeta e jornalista, autor, entre outros, dos livros *Os zumbis também escutam blues e outros poemas* (1998), *Intervalo lírico* (2005), *Metáforas para um duelo no sertão* (2012) e *Receitas de como se tornar um bom escritor* (2015). Mora em João Pessoa (PB).



Orientados por Flávio Tavares, trabalhadores instalam o painel na parede do Hospital N. S. das Neves, em João Pessoa

Beio

e instigante

Eudes Rocha

Especial para o *Correio das Artes*



Flávio Tavares segue a tradição de grandes muralistas brasileiros, a exemplo de Paulo Werneck e Cândido Portinari

A técnica do muralismo no ocidente teve seu renascimento por volta de 1920 por conta da Revolução Mexicana de 1910 quando uma grande mobilização social ocorreu e artistas como Orozco, Rivera e Siqueiros se propuseram pintar para o povo em um discurso social e político que teve grande repercussão na América Latina e por todo o mundo dito civilizado.

No Brasil, a arte do mural surgiria a partir da década de 1940 com Paulo Werneck, Cândido Portinari, Clóvis Graciano e Athos Bulcão, seguindo pelas décadas posteriores com mais nomes como Lula Cardoso Ayres, Maria Bonomi, Yara Tupynambá, Carybé, Francisco Brennand, J. Câmara, Cláudio Tozzi, Miguel dos Santos, Flávio Tavares e tantos outros.

Os muralistas de todo o mundo sempre enfrentaram grandes desafios ao aceitarem encomendas colossais como aconteceu com os mexicanos e aqui no Brasil ocorreu algo semelhante. Imagino o que se passou na cabeça de Portinari ao receber, ainda nos anos 1950, a encomenda para produzir os dois enormes painéis *Guerra e Paz* (medindo 14m x 10m cada) para a sede da ONU, em Nova Iorque. Igual impacto devem ter sentido cada um dos demais artistas brasileiros ao receberem encomendas para murais de grande porte e certamente com Flávio



Flávio Tavares ladeado pelos trabalhadores que o ajudaram na instalação do painel do Hospital N. S. das Neves (acima)

► Tavares não foi diferente – ele foi convidado e aceitou produzir esse enorme mural inspirado no tema de Nossa Senhora das Neves, Padroeira do Estado da Paraíba e que também empresta o seu nome ao novo hospital de nossa capital, em cuja fachada principal será afixada a obra desse artista.

Apesar da experiência de executar painéis públicos, esse atual, medindo 3m de altura x 10m de largura, foi um desafio e tanto e desta vez Flávio teve que criar uma infraestrutura de grande porte em seu atelier para que, sobre pranchas parafusadas em cavaletes, ele pudesse apoiar as pedras cerâmicas e, partindo do esquema de um projeto, deu início a esse trabalho desenhando as figuras e os cenários para essa formação pictórica – a figura central é a Nossa Senhora das Neves a qual é representada em tamanho maior do que os demais personagens e vem cercada de todos os elementos

e simbologias que contam a sua história. Mas o artista criou uma composição em que, além da principal homenageada, existem personagens alusivos à atividade de um hospital – assim, para o lado extremo esquerdo ele escolheu Hígia - a deusa da saúde e, para o lado oposto, Esculápio, o deus da medicina, sendo que ambas as divindades têm aos seus pés potes de farmácia dos quais eles se fazem guardiões. Hígia é ladeada por uma figura que representa a Lua enquanto Esculápio tem ao seu lado uma figura representando o Sol, criados para que essa dualidade possa mostrar que a nossa existência, seja ela boa ou ruim, saudável ou doente, rica ou pobre, etc., sempre se passa num dia-

passão em que dias e noites compõem o inexorável tempo! Nessa estruturação Tavares acrescenta divindades representativas da flora (medicinal) entre outras, reunindo assim santos da Igreja Cristã com deuses da mitologia greco-romana, formando com isso um raro e curioso panteão.

Na produção desse novo trabalho o artista revisita a caligrafia e a proposta pictórica então usadas por ele no mural da Clínica São Camilo, ainda na década de 1970, e agora, quarenta anos depois, brindamos com este trabalho de matriz naïf, desta feita com mais segurança e competência no traço e na composição. Identificado desde sempre com a obra de F. Brennand, Samico e com os muralistas mexicanos, agora Flávio revela ainda sua afinidade com as ilustrações dos nossos Folhetos de Cordel e aproveita o ensejo para, sutilmente, encaixá-las nessa composição pictórica, o que faz com bastante propriedade.

Rico em personagens, elementos, simbologias e cores, o mural do Hospital Nossa Senhora das Neves mostra-se, em toda a sua magnitude, uma obra bem estruturada, elegante e rica em detalhes e, para resumir-lo em dois adjetivos, eu diria que é belo e instigante!

Com isso o novo hospital e a população da Paraíba ganham uma obra de arte a altura das nossas melhores tradições nesse gênero! ✦

Eudes Rocha é crítico de arte, sócio da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) e da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA). Mora em João Pessoa (PB).

Rafael Monteiro

UM JOVEM ARTISTA
MONTEIRENSE

Lizziane Negromonte Azevedo
Especial para o Correio das Artes

Ser um artista é algo especial, um dom de Deus. Agora, ser um artista devidamente reconhecido e valorizado em sua terra é outra questão. E o problema se agrava ainda mais quando esses artistas, muitos deles autodidatas, residem no interior do Estado, onde geralmente não há incentivo dos governos municipais e nem mesmo há um local de divulgação.

Diante dessa realidade, em 2013, foi lançada em Monteiro (PB) a revista *Boca Escancarada*, a primeira revista de literatura e arte do Cariri, cujo objetivo era revelar e registrar a produção artística da região. Dentre os artistas que a revista descobriu durante seus trabalhos, um deles foi Rafael Monteiro, um jovem de 25 anos, que desenha desde os seis anos de idade, incentivado pelo pai. À medida que ia crescendo, Rafael foi sentindo a necessidade de aprimorar suas técnicas, foi quando fez um curso à distância de desenho artístico e publicitário, o único curso que pôde fazer diante das condições financeiras da família, que o obrigaram a trabalhar desde cedo como ajudante em forro de gesso, servente de obras e com a fabricação de painéis, faixas e enfeites para aniversário.

As dificuldades financeiras impediram que Rafael concluísse alguns cursos técnicos: como o de técnico em manutenção e suporte de computadores; técnico em segurança do trabalho e o curso de tecnólogo em construção de edifícios. Mas não impediu que ele continuasse a desenvolver, sozinho, sua arte, uma das quais foi capa da edição de número seis da revista *Boca Escancarada*, a primeira revista a divulgar o trabalho dele e a fazer ressurgir nele a esperança de um dia viver apenas de sua arte.

Rafael é sobrinho de outro artista da cidade de Monteiro, o fotógrafo e cineasta Asley Ravel, que já participou de diversos trabalhos artísticos, dentre eles o *making off* do filme *Big Jato*, dirigido por Cláudio Assis e estrelado por Ma-



Rafael Monteiro, 25 anos, foi descoberto pela revista Boca Escancarada de Monteiro (PB).

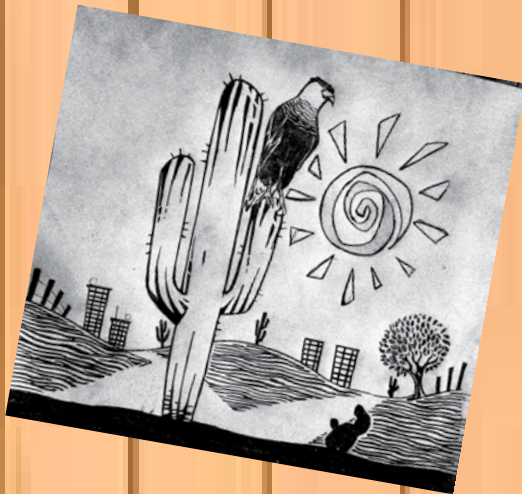
theus Nachtergaele e Marcélia Cartaxo. A família de Rafael tem uma vocação artística indubitável. O pai de Rafael, seu Francisco, além de também ter vocação para as artes plásticas, é poeta e compositor. No entanto, as circunstâncias que os permeiam muitas vezes não permitem que seus trabalhos sejam divulgados pelo Estado da Paraíba, com exceção das primorosas edições do suplemento literário do Jornal *A União*, *Correio das Artes*, que já revelou e vem revelando muitos poetas, contistas, cronistas, artistas plásticos e diversos outros artistas. Viva a cultura! ■

Lizziane Negromonte Azevedo é escritora, advogada, cofundadora e coeditora da revista de literatura e arte *Boca Escancarada*. Tem contos publicados no *Correio das Artes* e na *Câmara Brasileira do Jovem Escritor*. Reside em Monteiro (PB).

PAINEL

TRAÇOS E TEMAS

Desenhos e xilogravuras de Rafael Monteiro, incluindo a capa da revista literária Boca Escancarada, ilustrada pelo artista. Nas várias técnicas que domina, percebe-se a boa caligrafia de Rafael; o traço seguro na composição de retratos realistas. Os temas são claramente identificados com o meio onde vive - a região polarizada pelo município de Monteiro, no Cariri Ocidental da Paraíba -, terra marcada pelas agruras das estiagens e a cultura popular, com destaque para os poetas e violeiros.



Entre Augusto, Dioniso e Parfeno

(UMA CARTA [ENSAIO] AO
ERUDITO EVANDRO NÓBREGA)



Caro Evandro:

É

evidente que as diversas razões de ordem teórica, reunidas em *Augusto dos Anjos & o Mistério de Parfeno*, obra mais recente de sua atividade de erudito e pesquisador incansável, não constituem, a rigor, o que entendo por crítica literária.

À crítica, diretamente não interessa os aspectos periféricos do texto, assim como as notações paraliterárias que o conformam historicamente enquanto resultado prático e material. Não dispensando, sobretudo em certas situações do labor exegético, elementos culturais, biográficos, linguísticos e científicos peculiares a uma “demanda extrínseca”, para me valer da expressão de René Welleck e Austin Warren, em seu indispensável manual de *Teoria da Literatura*, procura focar o valor estético, isolando-o, no âmbito específico da tarefa judicativa, como o elo que preside o fluxo e a conexão dos outros valores que palpitam na tessitura da obra.

A *mathesis*, isto é, o conjunto de saberes; a *mimesis*, isto é, o

vigor da representação, e a *se-miose*, isto é, o jogo especial dos signos, conforme a lição barthesiana, tendem a se mesclar e a se fundir sob o regime da qualidade estética do texto, a que a crítica literária, em seus simultâneos procedimentos de análise, interpretação e julgamento, intenta examinar e compreender.

Ora, se digo que seu trabalho intelectual não é propriamente crítica literária, não quero dizer que ele não tenha valor, não tenha méritos, não tenha serventia. Ao contrário: sou dos que vejo, em esforços dessa natureza, uma grande e imprescindível contribuição aos estudos literários, na medida em que empreendimentos que tais podem abastecer o olhar do crítico, a posição do historiador, o compromisso do teórico, que têm, todos, na literatura, o núcleo de seus respectivos interesses. Seu trabalho de investigação cognitiva me parece enquadrar-se no elenco das peças ancilares, no acervo variado das disciplinas auxiliares que, atentas a pormenores e particularidades do fenômeno em estudo, terminam por abrir portais de acesso na

FOTO: REPRODUÇÃO/INTERNET



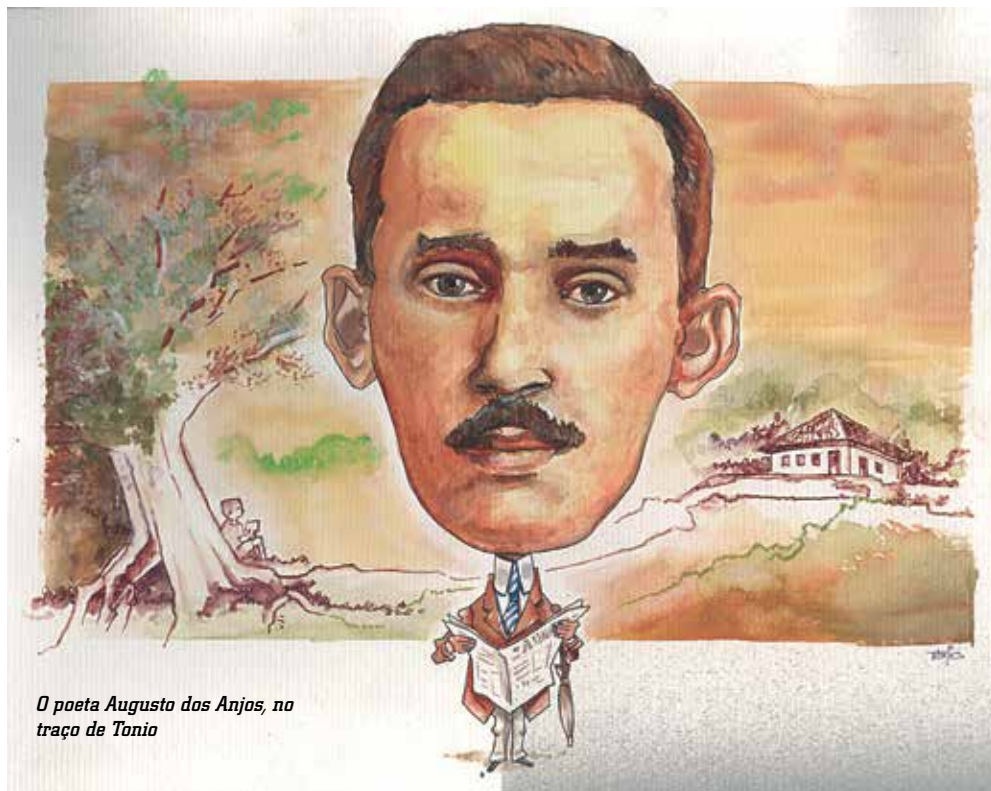
Evandro Nóbrega é jornalista, tradutor, editor e ensaísta. Publicou, entre outros livros, *A glândula pineal do urubu*

- ▶ percepção da complexidade do empenho criador.

De certa maneira, reside aqui, nesta sinalização que você promove, insinuando-se, qual um Sherlock Holmes das hipóteses, índices, rastros e pistas literários, pelo emaranhado enigmático da transfiguração poética, o primeiro ponto que me chama a atenção na riqueza e ousadia de suas premissas metodológicas. Antes de qualquer coisa, afirmo que seu livro aponta para um fato fundamental, para um vetor decisivo, um dado seminal, a que a crítica literária, em especial no caso de Augusto dos Anjos, não pode ficar indiferente: a complexidade dos ingredientes mobilizados no seu processo de criação poética.

Pois bem: ao analisar o detalhe retórico do segundo quarteto do poema “Gemidos de Arte”, materializado no recurso da comparação metafórica, envolvendo as figuras de Parfeno e de Dioniso, você remete para o fato de que, entre tantos outros que se atritam e se harmonizam na matéria vocabular e vérsica da poesia de Augusto, a sua poética é, sobretudo, uma poética da leitura, o que me leva a supor que, só por isto, a sua poética já é rigorosamente uma poética moderna.

Não são somente os personagens Parfeno e Dioniso (e claro, você, como ninguém, sabe isto!) que, frutos de sua experiência de leitura, terminam por habitar seu lírico casarão, quer na redoma encantatória de uma metáfora visionária, quer no ritmo excessivo e dilacerado de uma redundância ou de uma hipérbole, quer no espesso quadrilátero de uma arquitetura sintática de todo heterodoxa. Em Augusto, reina, por entre as estrofes dos seus sonetos e de seus poemas longos, toda uma humanidade estranha e surpreendente, ora extraída da realidade vital, biológica e metafísica; ora da pura liberdade de imaginação, ou seja, da fantasia criadora; ora da mitologia,



da ciência, da filosofia, da literatura, da arte, enfim, do caleidoscópio simbólico que reflete os multifários prismas da aventura cultural e humana.

Diria que, ao lado de Parfeno e de Dioniso, e com eles estabelecendo sinuosas correspondências semânticas e estéticas, uma vez que o *Eu e outras poesias*, mas, principalmente o *Eu*, o de 1912, pode ser lido como um longo, tortuoso, dilacerado e unitário poema, habitam outros seres reais e imaginários, ocupando os vastos espaços da engenhosa máquina lírica de Augusto dos Anjos. Permita-me enumerá-los caoticamente, a título de exemplo probatório: o verme, a membrana, o cão, o corrução, a prostituta, o bêbado, o filósofo, a mônada, a morte, o canivete, a lagartixa, o cupim, a dor, a podridão, o sexo, a lama, a mosca, a moeda, a garrafa, o caixão, a lua, o doente, o louco, a babugem, a gosma, os ossos, o pus, o sangue, a cal, a resina, a tapeira, a cinza, o esqueleto, a caveira, finado Tôca, Guilhermina, Elias, Platão, Spencer, Darwin, Schopenhauer, Dante, Shakespeare, Hackel, Aristóteles, Ta-

les de Mileto, Augusto Comte, Rembrandt, Ugolino, Rei Lear, Hamlet, Dioniso, Parfeno etc. etc..

Observe que o percurso odisséico que você traça e enfrenta para elucidar o “mistério de Parfeno”, Parfeno que arrancou os olhos a Dioniso, desvendado quando da leitura do romance *A morte dos deuses: Juliano, o Apóstata*, do escritor russo Dmitry Sergueyévitch Merejkóvsky, pode seguir a mesma lógica rastreadora diante de todas as outras personas que falam e dialogam na polifonia dos versos anjelinos. Veja, por este aspecto, a relevância de sua pesquisa. Observe que o seu livro, estribado na preocupação de esclarecer um enigma, sugere, por sua vez, a elaboração de outros livros, na procura e na sondagem de outros enigmas, a compactar um acervo de obras de referência, dicionários, enciclopédias. A propósito, por ser enciclopédica, a poesia de Augusto merece um dicionário, dicionário de grande porte e politemático, com amplos verbetes acerca de seus personagens, conceitos, ideias, teorias e outras solicitações. ▶

◆ convivência crítica

► Você não põe em discussão – aliás, não é o seu propósito – o caráter livresco da poesia do autor de “Monólogo de uma sombra” e, mais detalhadamente, o quanto este caráter pode trazer insumos ideativos para sua densidade estética e filosófica. Não obstante, a energia intelectual e perscrutadora do erudito que você é, com seus instrumentos linguísticos, filológicos, mitológicos e científicos em geral, vão, direta e indiretamente, ao encontro desta singularidade, devassando pistas preciosas no que concerne à sua riqueza intertextual, meta-textual e transtextual.

Não há um só poema de Augusto que não revele o leitor que ele foi, leitor ansioso e onívoro, disperso e circular, enciclopédico e erudito, ao modo de certos personagens borgeanos, perdidos e realizados no eterno labirinto de uma biblioteca de Babel. Não há um só poema de Augusto que não trave, em sua intrínseca tensão verbal, uma batalha aguerrida com um ou vários antecessores poéticos, sobremodo os mais “fortes”, na arena inadiável da “angústia da influência”, para referir Harold Bloom, cristalizando, assim, seus matizes intertextuais, sua cadência dialógica, seus sortilégios referenciais, suas transposições simbólicas.

A melancolia da criatividade na poesia de Augusto dos Anjos (você conhece; você, como São Tomás de Aquino, leu tudo!), de Sandra S. Fernandes Erickson, publicado pela Editora Universitária/UFPB, em 2003, aproveita o famoso crítico norte-americano para, socorrendo-se das estratégias analíticas do seu Mapa da Desleitura, penetrar fundamentalmente nas entranhas verbais de três sonetos (“A um mascarado”, “Solilóquio de um visionário” e “Versos íntimos”), descortinando-lhes as diversas camadas e subcamadas que levam o lirismo agônico do poeta a se confrontar, no corpo do texto, na liberdade do eu poético, com as

mais ricas e remotas tradições do pensamento filosófico e da criação literária. Em certo sentido, ela, a professora Sandra (augustóloga da gema e da melhor cepa) me ensina a sempre perceber, em qualquer texto do poeta do Pau d’Arco, um metatexto, um transtexto, um arquiteito em que as dores do mundo, com seus susseranos e vassallos, seus deuses e demônios, seus títeres e suas vítimas, são vividas e encenadas com refinada maestria.

Ora, seu livro também me fala destas largas possibilidades. Por isto mesmo já ocupa lugar de destaque numa estante especial de minha biblioteca, estante que denominei de “Ilha de Cipango”, e na qual consta tudo que possuo (até agora) sobre nosso amado poeta.

Um segundo tópico do seu trabalho também me estimula a reflexão. Vou chamá-lo, como fariam os teóricos da literatura, de o “desnudamento do processo”. E lhe adianto: este desvestir-se, este revelar-se, este despir-se nos bastidores da criação, demonstrando o método, os conceitos e as teorias, conforme diria Horácio, o latino, ensina e deleita, deleita e ensina...

Seu ponto de partida é a pergunta chave: Quem é Parfeno?, desdobrada em outras: Parfeno é personagem real, mítico, fictício? Se real ou mítico, donde Augusto o retirou? Ou é pura invenção de poeta, como sugeriu um professor norte-americano, em quem você merecido piparote?

Para organizar meu pensamento, transcrevo, acostado à minha edição preferida, a trigésima primeira, da Livraria São José, de 1971, a quadra que lhe desafiou na leitura do poema “Gemidos de arte”, uma das peças centrais do *Eu*:

*Tenho estremecimentos indecisos
E sinto, haurindo o tépido ar sereno,
O mesmo assombro que sentiu Parfeno
Quando arrancou os olhos de Dionisos!*

FOTO: REPRODUÇÃO/INTERNET



São Tomás de Aquino, de Botticelli

Você deixa claro, desde o início de sua empreitada cognitiva, que sabe alguma coisa acerca de Parfeno, embora não consiga lembrar o contexto desta remota informação, o que me faz pensar num daqueles típicos casos de criptomnésia a que alude Umberto Eco, numas das conferências reunidas em *Interpretação e superinterpretação*. O fato de lermos, e lermos muito e continuamente, ao longo da vida, faz com que nossa mente archive informações que, por esta ou aquela razão, ficam como que incubadas, só vindo à tona, quando se cria um contexto propício à sua emergência. E quando isso ocorre, experimentamos a sensação de que já vimos ou já ►

FOTO: ARQUIVO A UNIÃO

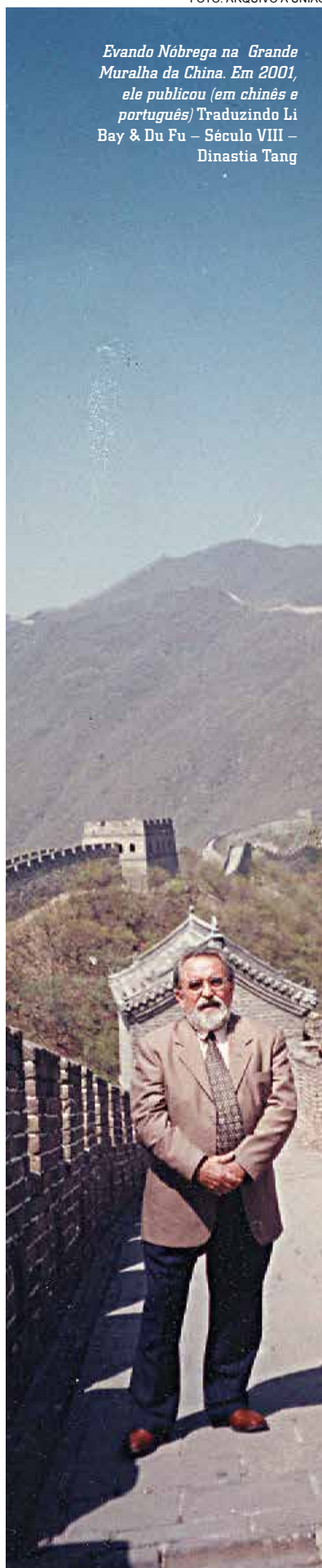
▶ conhecemos aquele nome, aquela coisa, aquele personagem, enfim, aquela situação etc.

Logo que você estabelece suas hipóteses, em certo sentido arrumadas dentro da lógica dedutiva, isto é, do geral para o particular, não tive dúvidas de que estava diante de um exemplo que encheria os olhos do grande semiólogo italiano. Procedendo por eliminação das possibilidades que não se confirmam perante as provas da pesquisa textual, você vai revelando a nós, estupefato leitor, os passos ziguezagueantes de um percurso intelectual dos mais sofisticados, uma vez que seu repertório cultural acolhe os mais variados setores do saber especializado, numa prática interdisciplinar que não dispensa, entre outros, os utensílios essenciais da linguística, da filologia, da mitologia, da história, da literatura, da tradução, da bibliografia, da etimologia, da religião e da filosofia.

Nas suas andanças livrescas e nas suas navegações pelo ciberespaço, pois o vejo como aquela rara espécie de intelectual que alia as matrizes eruditas do século XVIII aos meios de ponta das novas tecnologias, você vai descartando, item por item, as possíveis suposições no sentido de saber e provar quem foi este Parfeno que arrancou os olhos de Dioniso, ao mesmo tempo em que ostenta, entre humilde e irônico, seu método de trabalho, em todas as suas minudências.

Fico sabendo, a princípio, e depois que você repassa as páginas de tantas obras antigas e modernas, inclusive o livro *Miserável Dioniso*, do poeta e prosador romeno, Mihai Eminescu, que nem Dioniso, o deus do vinho, nem os dionisos históricos nunca tiveram seus olhos arrancados. Ora, como explicar, portanto, o gesto de Parfeno? Como interpretar a imagem utilizada por Augusto? De outra parte, também não existe nenhum personagem mítico com o nome de Parfeno.

Eis que a etimologia, ciência que estuda a origem do signifi-



Evandro Nóbrega na Grande Muralha da China. Em 2001, ele publicou (em chinês e português) Traduzindo Li Bai & Du Fu – Século VIII – Dinastia Tang

cado das palavras, entra em cena e vai apontar-lhe a pista mais segura, uma longa e estafante pista, culminada no prazer da descoberta e da resolução do problema, numa oferta de dados textuais que me parecem relevantes ao exercício da crítica literária.

Verificando que na primeira edição do *Eu*, Parfeno está escrito com PH (“Parfhéno”) do grego TH, e que PH em russo corresponde a F, começa a se desenhar a hipótese de que Parfeno seria um personagem da literatura russa. Daí em diante, e a partir de cada detalhe linguístico e filológico que você disponibiliza, como um *virtuose* do poliglottismo e como um leitor voraz, bibliômano e bibliófilo, o quebracabeça começa a se encaixar e a indagação primeira, motivo de tantas discussões, será, afinal, respondida. E esta resposta reside na figura do grande leitor que foi Augusto dos Anjos.

A passagem do romance de Merejkóvsky, que você reproduz, sinaliza, sim, para as correspondências intertextuais entre a prosa do escritor russo e os versos do poeta paraibano, demonstrando, por assim dizer, que este se apropriou daquele, como, de resto, tantos de tantos, no espaço aberto e ambivalente da criação literária.

Seu argumento me parece irrefutável. O “assombro”, que envolve o eu lírico nos versos de Augusto, tem tudo a ver com o “calafrio de horror” que sentiu o monge Parfeno, depois de extrair os olhos da estátua de Dioniso, na verdade duas safiras roubadas ao patrimônio do mosteiro a que pertencia.

É importante conhecer este detalhe? É óbvio que sim. Mas, ainda mais importante é saber que sua explicação pode demandar o esforço de uma longa pesquisa que só a paciência dos eruditos consegue realizar, abrindo, cada vez mais, o leque de opções face aos objetos literários de estudo.

Meu caro Evandro, li com prazer todo o seu texto, e com ele, aprendi tanto! ▶

FOTO: REPRODUÇÃO/INTERNET



Baco, de Caravaggio

▶ Aprendi, por exemplo, que ele não é somente um pequeno manual de introdução à literatura russa, como você insinua em certa passagem, mas também uma propedêutica à filologia e à etimologia, assim como um tratado de história bibliográfica, um ensaio de investigação literária, uma inscrição novelesca cuja trama fulcral reside na vontade de saber e cujos protagonistas aparecem nas figuras de Augusto, de Dioniso e dos múltiplos e desgarrados Parfenos da literatura universal.

Aprendi também, nas sugestões oblíquas que figuram, aqui e ali, no seu texto desafiador, que Augusto dos Anjos, a par do homem e do poeta, pode virar personagem de ficção, vindo a ampliar tendência marcante da narrativa contemporânea, preocupada em inserir, no estatuto da ficcionalidade, ou da *poiesis*, como queiram, personalidades literárias, situações estéticas e experiências históricas. Assim,

por exemplo, como fez, com o próprio Augusto, a escritora Ana Miranda, em seu romance *A última quimera*; como fez Rubem Fonseca, com Getúlio Vargas, em *Agosto*; como fez J. J. Veiga, com Antonio Conselheiro, em *A casca da serpente*, e o húngaro Sándor Márai, com *Verdicto em Canudos*.

Que os ficcionistas possam explorar, na malha de seus enredos e na sua geografia imaginária, qual seria a reação de Augusto dos Anjos face ao suicídio de Mayakóvsky, assim como sua posição teórica frente ao dialogismo e à polifonia de Mikhail Bakthin, estudando Dostoiévski. Como seria, por exemplo, uma conversa de Augusto com Nabokov, de Augusto com Borges, de Augusto com Baudelaire! Imaginemos

quantas páginas deliciosas poderiam ser escritas!

Pois bem: é seu livro que me entrega, na sua poliédrica gramática epistemológica, na germinal irradiação de todo um temário novo e flexível, estas incríveis possibilidades. Você mesmo, que já se deu à proeza de escrever o caleidoscópico romance *A glândula pineal do urubu*, bem que podia tentar uma travessura estética como esta.

Só mais um breve comentário: se “Gemidos de arte” está datado de 4 de maio de 1907, um dia de sábado, e no poema “Tristezas de um quarto minguante”, publicado em 5 de julho deste mesmo ano, aparece com a data de 03 de maio, talvez seja, de fato, como você defende, por força da métrica, e eu acrescentaria, também, da rima. Talvez, talvez.

Segundo Orris Soares, primeiro Augusto mentalizava, numa espécie de transe delirante e repetitivo, todos os versos de seu poemas, para, somente conclusa a fatura mental, pô-los na página em branco do papel. Quem sabe, Augusto não tenha começado o poema na sexta-feira, quando de suas costumeiras caminhadas noturnas pelos ermos do engenho Pau d’Arco, vindo a concluí-lo, e a escrevê-lo, no entanto, no dia de sábado. Eu não sei. Creio que você não sabe. Como sabê-lo?

Antes de qualquer resposta definitiva, devo me recolher: esta carta já vai longa. De qualquer maneira, não me entregarei aos braços de Morfeu, sem ler e reler, com prazer e espanto renovados, esses dois grandes poemas de Augusto dos Anjos, com a convicção de que a poesia é o ápice da linguagem e toda linguagem é possuída de mistério.

Abraço forte de quem o admira. **HBF.** ✦

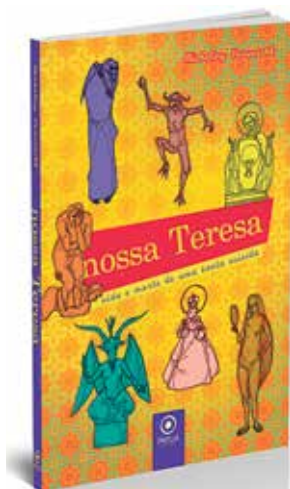
Hildeberto Barbosa Filho
é poeta, crítico de literatura e
professor da Universidade Federal da
Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).

Micheliny Verunschck

E O FASCÍNIO PELA MORTE
E PELOS SANTOS LITERÁRIOS
DE CADA DIA

Linaldo Guedes

linaldo.guedes@gmail.com



Seu primeiro poema foi escrito aos 10 anos. Sem saber ainda que aquilo seria sua vocação, Micheliny Verunschck descobriu cedo que podia se expressar melhor por meio da escrita. Nascida em Recife em 1972 e hoje radicada em São Paulo, Micheliny é uma das autoras mais respeitadas entre leitores e críticos literários do país. Como poeta, foi finalista, em 2004, do prêmio Portugal Telecom com o livro *Geografia íntima do deserto*. Como prosadora, ganhou o Prêmio São Paulo de Literatura 2015 - categoria melhor romance de 2015 - autor estreado acima de 40 anos, com o livro *Nossa Teresa - vida e morte de uma santa suicida*. Tanto na prosa como na poesia, dois temas perseguem sua obra: a morte e os santos.

Mas, afinal, quem é Micheliny Verunschck? “Alguém que escreve e que, no meio disso, vive. Mas ambas as coisas são viver. Então talvez a melhor resposta seja essa: alguém que vive”, responde de bate-pronto. Quando criança, era muito tímida, e leitora voraz. Talvez por isso tenha seguido o caminho natural da escrita. Por essa época, leu tudo o que caía nas mãos, de gibis a fotonovelas, de enciclopédias a histórias infantis. “Devo ter lido *Morte e vida severina* por volta de 11, 12 anos, mas o que me marcou mesmo foi a leitura que minha mãe fez comigo, aos 10 anos, de *Dom Casmurro*”.

› Seu primeiro livro de poemas – *Geografia íntima do deserto* – foi aclamado pela crítica. Micheliney admite que não esperava a recepção que a obra teve. “Foi uma surpresa para mim”, revela. Não porque não visse qualidades no livro – “se eu não acreditar no que escrevo qual seria o sentido disso?” –, mas porque achava distante demais da sua realidade essa atenção. A indicação do livro ao Prêmio Portugal Telecom lhe deixou, à época, feliz, mas também incomodada, porque parecia que estava tendo uma atenção maior do que aquela que deveria ser dada ao livro.

“Houve certo interesse da imprensa, na época, e eu não sabia lidar muito bem com isso. Ficava pensando o tempo todo se não estava falando ou fazendo bobagem. De todo modo, sempre fui muito atenta a não me deslumbrar com holofotes. As críticas em geral foram muito positivas, mas fiquei bem atenta àquelas mais incisivas: ora, sou e sempre serei aprendiz, então a chamada crítica ‘negativa’ é a que me ensina mais”, observa.

Para ela, os prêmios são uma forma de reconhecimento importante, mas não o principal ou único reconhecimento que um autor possa ter. “É bacana que possa haver prêmios, editais e outras formas de reconhecimento ou mecenato, mas tendo em vista que isso não é a finalidade da escrita, que ninguém é melhor ou pior autor por ter ou não algum troféu na estante”, analisa.

CRÍTICA DO DISCURSO RELIGIOSO

Micheliney teve o romance *Nossa Teresa – vida e morte de uma santa suicida* agraciado no Prêmio São Paulo de Literatura. Escrever em prosa não é novidade para ela. Pouco antes de morrer seu pai lhe mandou um dos seus cadernos da época de infância e descobriu que já havia uma prosadora em formação antes disso. “Sempre escrevi pequenas narrativas, mas por algum motivo o trabalho da poeta se sobrepôs ao trabalho da prosadora. Quando pensei a história de Teresa, percebi que uma narrativa curta

não daria conta do que eu queria para ela. Foi um exercício e tanto e depois de pronto, percebi que era capaz e que ainda há outras histórias por contar”, assegura.

O romance fala do suicídio. Mais do que sobre Teresa, a personagem-título, é uma reflexão sobre o tabu da morte escolhida e sobre os discursos moralizantes sobre as ações individuais e coletivas que cercam esse ato. Teresa é uma adolescente ligada à Igreja de sua cidade e ainda em vida tida como vidente. Em vida e morte é sequestrada pelo discurso dos outros, pela construção que fazem dela. “Mais do que uma crítica a qualquer religião, é uma reflexão sobre como o discurso religioso sobre as vidas humanas é capcioso”, define.

Por que esse tema? Micheliney explica que o tema mais urgente em toda a sua escrita é a morte. “Talvez a razão desse fascínio não possa ser explicada. Escrevemos sobre essas coisas enormes a vida, a morte, o amor. Não fugimos muito ao roteiro”. Não só a morte. O tema dos santos parece que mexe com O imaginário da escritora e está até em suas produções acadêmicas. De forma simples, ela explica esse fascínio: “Venho de um lugar em que a espiritualidade é criada sob as bases do compadrio celeste. Todo santo é santo de casa, é íntimo. Me seduz esse diálogo contínuo entre o lá e o aqui, entre vivos e mortos”, esclarece.

Nascida em Recife, Micheliney se criou em Arcoverde, interior pernambucano, e adotou São Paulo. A partir de então, as coisas foram acontecendo. Publicou primeiro em Pernambuco, no *Jornal do Commercio*, mas *Geografia íntima do deserto* foi publicado em São Paulo e teve de cara uma ótima recepção. “Vim a São Paulo para o lançamento do livro e foi amor à primeira vista. Pouco mais de três meses já havia mudado para a cidade de mala e cuia, como se diz por aí. Em 11 anos de São Paulo já retornei duas vezes a Pernambuco, mas São Paulo tem um ímã irresistível para mim, uma conjunção de coisas que me puxam para a Desvairada. Acho que é amor”, comenta.

ROMANCE E POESIA REUNIDA

No momento, Micheliney está preparando sua “poesia reunida”, além de trabalhar em outro romance. Nos *Poemas reunidos*, a ser lançado este ano pela Martello Editorial, estarão os quatro livros anteriores: *Geografia Íntima do deserto*, *O observador e o nada*, *A cartografia da noite e b de bruxa*. Além desses, dois inéditos: *Outra arte* e *Maravilhas banais*.

Todos os livros anteriores são livros hoje de difícil acesso ao leitor, praticamente esgotados. “Os dois inéditos são fruto de novas vozes que têm atravessado minha poética. Tenho uma ótima expectativa sobre essa reunião e, para mim, ótima expectativa é ser lida. Estou também preparando um novo romance, chamado provisoriamente de *O amor, esse obstáculo*. É a história de um menino que, depois de presenciar o assassinato dos pais se auto-educa, para a vingança, e, nesse processo, se transforma num pequeno *serial killer*. Essa é a história de fundo, mas o romance trata (ou quer tratar) fundamentalmente da aquisição da linguagem. É uma história violenta contada sob a perspectiva de uma criança”, informa.

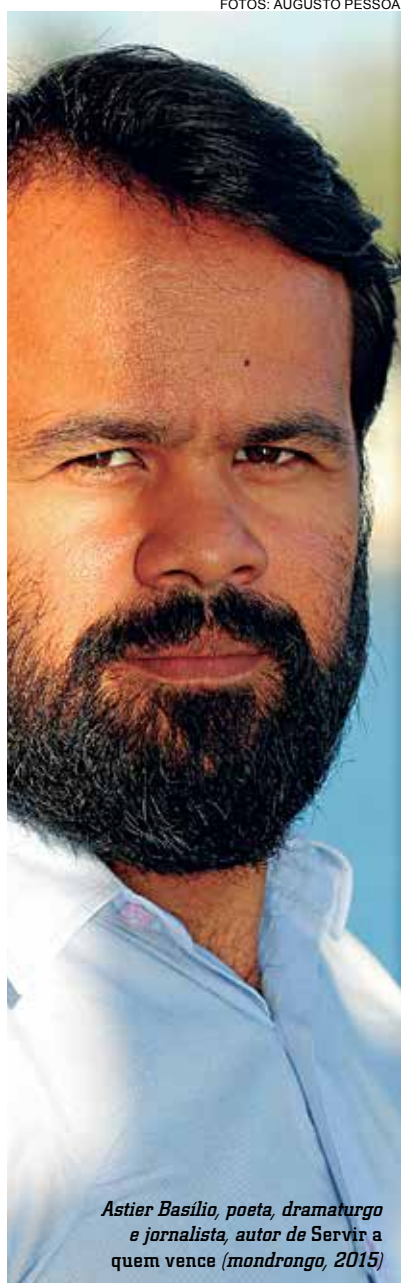
Para Micheliney, a literatura é o seu modo de estar no mundo. Aliás, ela vê que a literatura no Brasil de hoje tem um espaço plural e múltiplo que, a despeito das determinações mercadológicas, permite a polifonia, o encontro/desencontro de vozes. “Isso se deve, obviamente, às redes sociais com sua capacidade reverberante. A existência de um livro, por exemplo, e quando falo em existência falo das possibilidades que ele pode vir a ter de ser lido, comentado, resenhado, depende cada vez menos dos meios tradicionais. É um cenário interessantíssimo, na minha opinião”, enfatiza.

Como é interessante e desafiador escrever, tanto em poesia quanto em prosa. Existe uma linguagem mais fácil de escrever? “Cada um tem seus desafios e especificidades. Mas escrever seja o que for não é fácil”, garante a autora. ✦



Notas de leitura:

SERVIR A QUEM VENCE, DE ASTIER BASÍLIO



1. É preciso um tanto de maturidade literária para convivemos serenamente com nossos arquétipos, sem desmerecê-los, mas sem respeitá-los em demasia, para que a reverência não nos esterilize criativamente. Em seu mais recente livro de poemas, *Servir a quem vence* (Ed. Mondrongo, 2015), Astier Basílio se impõe e enfrenta esse desafio de “transformar tabus em totens”.

2. E o faz desde o título do livro, na ousadia que é partir ao meio o conhecido verso camoniano, privando o verbo de sujeito, para transformar-se a frase numa construção aberta e ambígua.

3. Ou simplesmente para estabelecer desde logo, com o leitor, aquela intimidade camarada de quem compartilha o prazer de um verso de estimação. Porque o livro de Astier parece mesmo encerrar esse convite à releitura de uma tradição de discursos eróticos que vão do casto ao fescenino, e vêm de Camões a Drummond, de Curtiz a Kubrick (nomeados), ou mesmo de Vinícius a Murilo, entre outras evocações diretas e presenças subjacentes.

4. E nisto me parece residir uma primeira qualidade do livro: suas referências e citações são, evidentemente, artifícios literários, manuseados ludicamente pelo poeta. Entretanto, nenhuma delas parece funcionar como *argumento*, ou como *muleta estética*. Há um gosto pela sofisticação, às vezes diluída em ironia, mas não há pedantismo. Os poemas valem por si e as alusões se incorporam como numa conversa sobre experiências estéticas as mais variadas. Todo o conjunto, aliás, soa como uma rememoração de fragmentos do que teria sido visto, lido, ouvido, vivido.

5. Uma das referências que me ocorreram, enquanto lia os poemas de Astier, não está citada (nem mesmo indiretamente) no livro, e talvez nem esteja em sintonia com a atmosfera de aparente (só aparente) espontaneidade que o perpassa. Lembrei-me, mais de uma vez, da descrição que faz Paul Valéry do processo de criação do seu “Cemitério Marinho”. Explico por quê: a certa altura do depoimento sobre a gênese de seu poema, Valéry diz que a obra nasceu ▶

◆ entre os livros

► como uma espécie de “imagem rítmica” – um movimento ainda sem corpo, mas já claramente definido, que se foi preenchendo posteriormente, num longo exercício de (re)elaboração.

6.

Pois essa ideia do poema surgindo com uma *frase musical* é que me pareceu pertinente à apreensão da poesia de Astier Basílio. Há versos, ou conjunto de versos, em seu livro, que se justificam inteiramente pela força do ritmo, como se o poema existisse para ou por conter aquela frase – numa espécie de *poesia feita com o ouvido*.

7.

Não me refiro, evidentemente, apenas ao emprego de formas fixas. Mas é certo que sobretudo nestas, o poeta nos mostra uma rica provisão de recursos rítmicos, que emprega com apuro, mas sem servilismo. Todo o livro está pontuado de belos versos que podem confirmar essa impressão: “Seja Amor habitar o que é

escuro”; “Então pintei de blues os meus sapatos”; “que a vertigem tem fim. O fim de sempre”; “ou de um risco – obtido à flor da pele”, “Amor, aqui abismo, ali já pássaro”, “Como fenda de fogo em flor em fúria”, entre outros.

8.

Dos decassílabos às redondilhas, marcadas com rimas toantes, os exemplos se somam, como naquele “Romançal para Senhora dos Navegantes” e no “Romance para a moça sob o céu da São Gonçalo”, que se abre com esta bela (e cabralina) estrofe: *Aquela que traz o mundo / não nos ombros, mas no abraço. / Que fala por seu olhar / a sépia de alguns retratos. / Como se um tempo de tempos / houvesse somente em algo / seu. E para onde ela olha: / paisagens que dicionários / não tocam, pois sua língua / é mar de amanhã arcaicos...*

9.

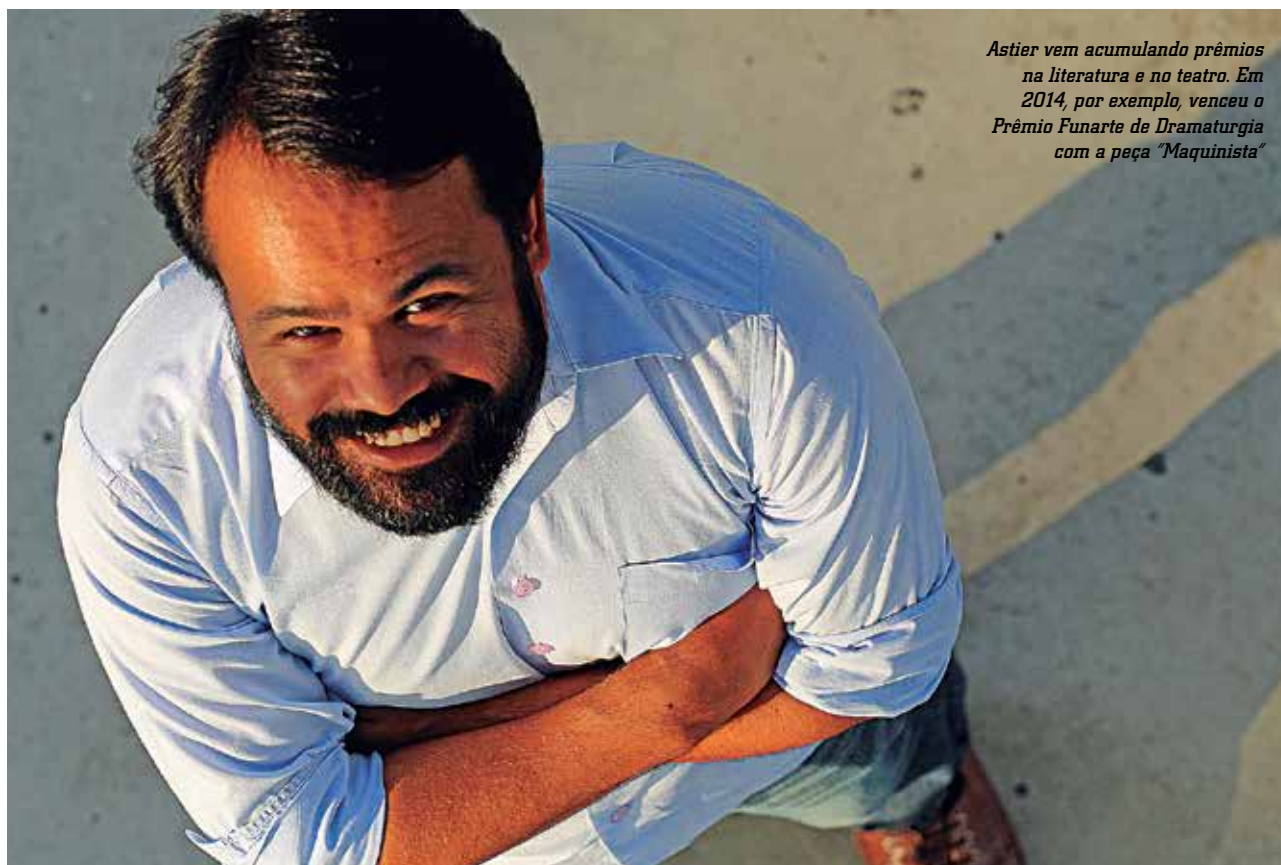
E desses ao verso livre, em que a imagem é que salta ao primeiro plano, em metáforas imprevisas, repletas de sensualismo, mesmo

quando envoltas numa enganosa coloquialidade. Veja-se, por exemplo, neste aspecto, o intenso colorido destes versos: *...de teu nenhum / vestido / e de tua / displicência / comendo / vitrais / e alegorias / de primavera; [...] da conferência / de vaga-lumes / que seu olhar / consegue / quando uma alegria / está próxima...*

10.

Gosto de pensar que o erotismo, em seu sentido mais amplo, é um dos raros temas, em poesia, que dispensam justificativas – já que a própria linguagem poética, forjada em ritmos e imagens, sempre apela, de alguma maneira, aos sentidos do leitor. *Servir a quem vence*, de Astier Basílio, me dá bons argumentos para continuar apostando nisso. ▀

Exedito Ferraz Jr. é poeta e professor de Teoria Literária da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)



Astier vem acumulando prêmios na literatura e no teatro. Em 2014, por exemplo, venceu o Prêmio Funarte de Dramaturgia com a peça “Maquinista”

Joedson Adriano

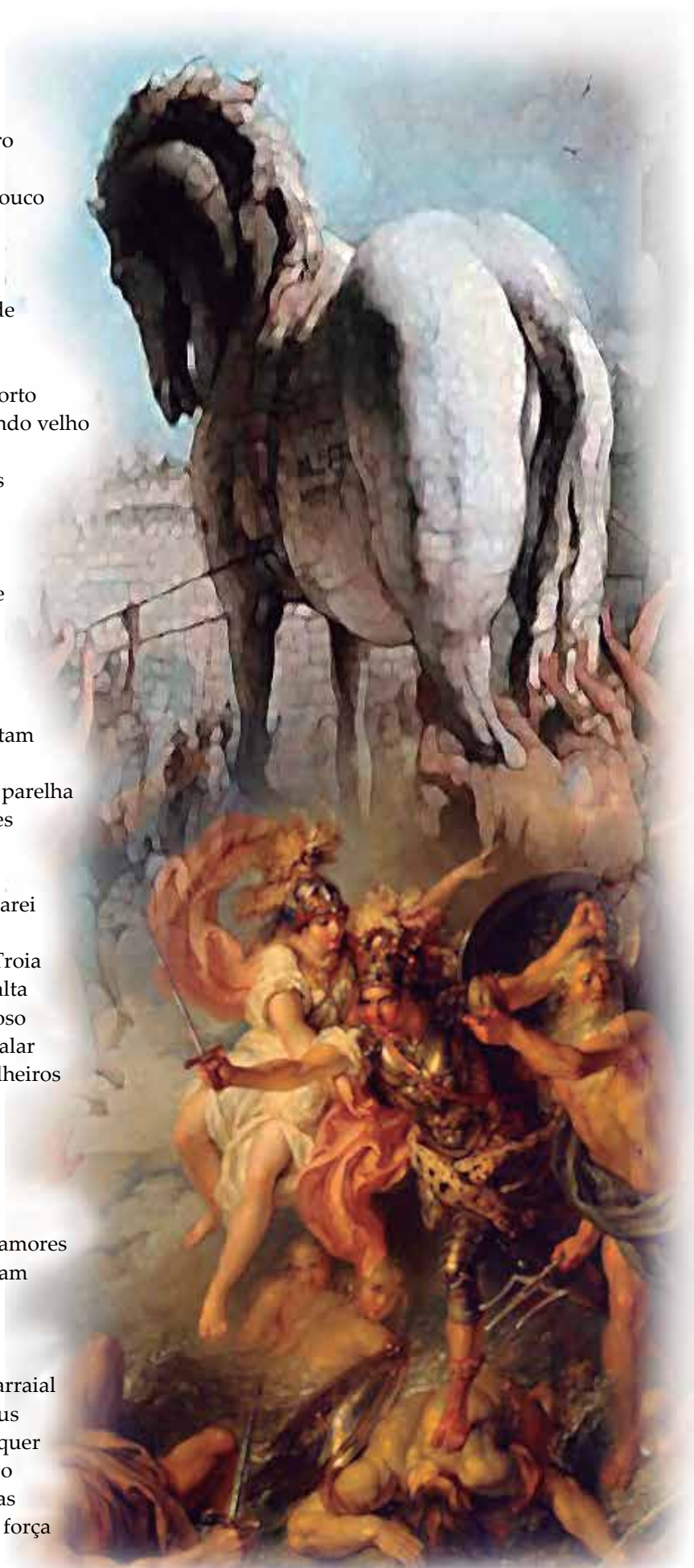
Aquiles

que eu jamais seja rei se for pra essa nobreza
de enfeite e flatulência e adiposo apodrecer
no trono estabelecido sobre as cinzas dos jovens
que morrem incógnitos em batalhas inúteis
me enojam e são maioria os príncipes sem princípios
que se ajoelham como cães diante do ditador
e no duro da verdade a única das minorias
que importa sou eu que posso não partir
e deixar os troianos sobrepujarem os gregos
com exceção daqueles que sempre ficam comigo
a turma mais que tropa a privar do meu carinho
e não a malta sem rosto muletas prum cérebro
dos dois lados sofredores da linha ilusória
afinal essa peleja não é dos meus nem minha
e pra mim tanto faz se perecem helenos
ou teucros nas trincheiras ou dentro das muralhas
embora eu não tenha nada contra os últimos
em geral tão estúpidos quanto são os primeiros
em particular parem os seus grandes guerreiros
como o nosso Ajax e engenhosos estrategos
como vós conselheiro que me assediais pra aventura
que me arrastará pras ilhas afortunadas
onde vos esperarei como a Heitor e Enéas
que me parecem homens honrados igualmente
mas nenhum como eu que não tenho nada a ver
com nenhuma nação e apesar de ansiar
pelos gritos da guerra e seus cruentos combates
eu preferiria lutar com os deuses do Olimpo
entretanto por Zeus pai que eu jamais seja nem rei
se pra preso no palácio a presidir gente inerme
até afracar mais que ela como agora Príamo
injustamente ameaçado por bárbaros bandidos
que desejam destruir seu estado de fato
pois criminosos somos e assim seguiremos
saqueando e incendiando cidades e plantações
sequestrando e estuprando mulheres e crianças
e anciãos estripando mas não pode ser somente
por uma mulher mesmo que seja a loira Helena
quantas são tão boas quanto embora não tão belas
e chorarão a perda de varões valorosos
inclusive a minha o mais forte e belo de todos
pois o coroa dos aqueus Agamenon não me engana
com a dor de cotovelo do corno Menelau
seu irmão tão covarde quanto seu rival Páris
nos arrastam pro roubo das joias estrangeiras
assim como assassinam e assaltam seus compatriotas
sabei que sei que me usam mas também usarei
seus motivos mercantis pra me avultar sobre os vermes
e se vou pra chacina que então se inicia



POESIA

por vaidade de outrem e terminará de certo
com o luto do povo é só pela ambição
de ser seu campeão pois eu só sairei dela
na minha glória eterna de infatigável guerreiro
que quer ser o maior herói e não desistirá
outros motivos não me interessam nem um pouco
meu desejo não é por despojos senão
pela luta e a vitória mas na hora do combate
nem em vencer penso pois a adaga se adiará
e quando venço já não há mais a ação da saúde
e assim posso sair sem mais além de mim
que é tudo o que tenho a essência do corpo
que teima em se tornar um nome e só para morto
pois melhor morrer jovem que não viver quando velho
desejo ser o melhor e depressa ou nada
pra pós senão que cantem com acelerados pés
de palavras aladas a minha divina cólera
que caia sobre Ílion ou Hélas tanto faz
no apogeu da vida desejo esbanjá-la
pra ser jovem pra sempre porquanto a velhice
apenas forma fracos e deforma os fortes
antes a vida ativa e curta do combatente
a ferir diretamente que a sedentária e longa
dos políticos de lábia pra não perder o poder
que não têm por si mesmos e até os filhos matam
incitam os iniciantes porém não se arriscam
não respeitam seus pares nem quem não tem parelha
e bem mais atrapalham que ajudam os simples
a progredir nas ciências como sabeis parente
dos lobos de fala fácil e feitos pra confetes
quantos não foram mortos e quantos não matarei
contudo se eu ficasse muitos mais morreriam
e eu não me eternizaria com a destruição de Troia
de quem não me fez mal tampouco me fará falta
e eu não me humilharia sob o comando ardiloso
dum crápula que abomino embora eu possa falar
tão eloquente quanto qualquer desses quadrilheiros
por gênio e cultura como Fênix me ensinou
eu posso enganar com frias argumentações
contrariando os fatos em fogo à nossa frente
porém o meu fado é a vontade de mostrar
a minha sabedoria com máxima força ainda
que eu me descontrole pondo em risco meus amores
e pisoteie as formigas que fieis me acompanham
pois não quero ser bom se não for poderoso
pro meu bem que não é calar ante a ofensa
pois insulto ou rasgo as gargantas falazes
de governadores gordos pra arrastá-los pelo arraial
capaz que sou de cortá-los e comê-los inda crus
porém também arranco as vísceras dum qualquer
pra no fim um covarde me acertar sem o corpo
a corpo ao calor e brilho dos escudos e espadas
porque a vida vibrante que tudo contém com força
pra mover terras e céus até no forte é frágil



POESIA

pra se acabar no auge da saúde num tropeção
em providencial pedra do acaso ou destino
que é nosso infiel e antigo desconhecido
mas não temo a morte só não quero expor a vida
por outro nem viverei por nada ou conforto
pois se fico alegre meu pai Peleu raridade
de razoável rei e crio meu filho Neoptolemo
pra não ser um tirano ao menos se não demais
mas a verdade é o meu desejo de ir
pois sinto que mais que todas pra essa guerra fui feito
deus pra nunca morrer e homem pra morrer logo
pra guerra que foi feita pra mim o escolhido
pra me elevar ao panteão pra eu exceder a humanidade
visto que essa tal de humildade é pros fracos
que não podem ser mais que a espécie e pros falsos
que ambicionam entrar na lista dos mais humildes
não posso ter paciência pra obter a glória eterna
nem parar neste tempo nem fugir do destino
de estar entre as estrelas e apenas meu orgulho
é que vale a pena e pra conseguir meu posto
a apostar meu único e o mais precioso bem
o palco será o campo da batalha vizinha
nem que eu lute sozinho com uma hoste de bárbaros
contudo quero duelos de grande contra grande
e não com infantarias de insignificantes
a perecer por ideais nem por si mesmos morrem
ao se ludibriarem por pátria ouro ou honra
que nem têm nem sabem o que seja como vós
que abandonastes tudo que nunca fostes ninguém
e pra onde quer que eu vá não terei pra onde voltar
e assim não me importo se regresso não houver
nem pela minha mãe Tétis teimosa ninfa
que enquanto quero perigo insiste em me proteger
e mesmo assim quase me matou da maneira
que fez com meus irmãos pra que eu nunca morresse
mas este também é meu fado sem dar ouvidos
a numes nem a homens tampouco a mulheres
boas de Eros mas más de Ares inclusive Atenas
mas mesmo se eu fosse uma nem os deuses poderiam
me obstar ser um deles dos quais eu sou idêntico
em intento e inteligência pra não me curvar ao vácuo
e a lugar nenhum que não me seja eu quero ir
até porque apenas em mim é que eu posso estar
e só posso ser ao máximo no combate onde a ação
é mais rápida e intensa e assim há mais talento
nem se pra paz tecelã com meus maiores amores
pois os primeiros Pátroclo e Deidamia complacente
eu desistiria de mim pois a oportunidade
faz o herói e esta será a minha última
segundo os vates que dizem também que sem mim
os dâneos se danarão entretanto sem ela
eu perderei mais portanto aperto vossa mão
e olho nos vossos olhos de vaca que têm apenas
um pouco menos de ódio que estes meus de touro



JOEDSON ADRIANO DA SILVA SANTOS nasceu em 1983, em Bayeux (PB). Reside em João Pessoa (PB). É policial militar e poeta. Publicou *Ode aos Deuses* (Edição do Autor, poema, 2009), *Ode aos Homens* (Edição do Autor, poema, 2010) e *O Evangelho de Diógenes* (Ideia, poema, 2013). É membro do Clube do Conto de João Pessoa e integrou o Núcleo Literário Caixa Baixa. blog: joedsonadriano.blogspot.com.br. email: odeaosdeusesjoedson@gmail.com. facebook: www.facebook.com/joedson.adriano.

Júnior Damasceno

Reminiscências

*Tenho atributos para vento.
Ainda posso inventar uma tarde
a partir de uma garça.* Manoel de Barros

Barquinhos de papel na correnteza
Banhos de chuva
Bolinhas de gude
Cavalinhos de folha de carnaúba
Bandeirinha
Sapoti
Nas árvores
Canários, sanhaços, juritis
Estórias de Timiza
Fadas, monstros, encantamentos
Lampião subiu a Serra
E conversou comigo
Hoje tem espetáculo?
Tem, sim senhor!
Futebol no meio da rua
Minhas primeiras leituras
Cervantes, Verne, Bandeira, Drummond
Um mundo novo descoberto
Menina linda de estranha leveza
Correndo de bicicleta pela rua
Invento
Menina de papel
Correndo na chuva
Pela rua
Barquinhos de estranha beleza
Estrela da manhã



Às vezes tento lembrar do teu rosto
E não consigo.
Você foge.
Some.
Como naquela manhã
Em que você seguiu
E deixou a beleza do teu sorriso
Guardada para sempre comigo.
Depois você volta.
Toda.
Inteira.
Como naquela mesma manhã
Em que tuas lágrimas molharam
Teus olhos de menina
E eu viajei no teu corpo
Sem medo de que aquela
Fosse a derradeira.
E é nestes momentos
Em que você aparece inteira
Que percebo o quanto a vida
É ilusória e passageira.
Não deveria haver separação
Nem aquela estrada terminar.
Bem que você poderia,
Minha estrela da manhã,
Ter me carregado
No carinho dos teus olhos
Para uma viagem sem fim.



FRANCISCO JÚNIOR DAMASCENO PAIVA é natural de Martins (RN). É graduado em Filosofia pela UFPB, com pós-graduação em Educação pela UEPB. Professor de Filosofia do Estado da Paraíba. Ganhou Menções Honrosas no VI e no X Concurso de Poesia Luís Carlos Guimarães da FJA - Natal/RN, em 2006 e 2015. Escreveu os livros *Delatório* e *Estórias de Timiza*, ainda inéditos. Autor do blog *Osseva*: <http://ossevaodonecsamad.blogspot.com.br>. Mora em João Pessoa.



O prometido e o não cumprido

No futebol, assim como na literatura, nem sempre o ato criativo tem consequência produtiva, no sentido de que “produtivo” possa ser entendido aqui como algo que renda, que se acrescente a algo que antes não existia; que se desdobre em algo que funda beleza e suscita reflexão, prazer de fruição e alegria na experimentação; densidade na simplicidade, enfim.

Assim, no primeiro caso, uma jogada de firula pode se esgotar apenas na firula em si; um passe que se prometia magistral redundar num tosco caminhar da bola em direção ao nada ou um drible engenhoso transformar-se apenas e unicamente num desenho vago de uma jogada inconclusa e infeliz.

Também na literatura, que é o segundo caso, uma ideia de um texto que prometia uma narrativa mirabolante ou inventiva; uma trama intrincada ou sagaz, com um desfecho vívido e inesperado, pode vir a perder-se nas garras de seu próprio processo criativo e de desenvolvimento, e afundar nas águas turvas das promessas não cumpridas.

Eis aí o preâmbulo de conteúdo para a nossa conversa de agora sobre literatura e futebol.

A análise que segue, do conto “Uma vez Flamengo...”, de Dias da Costa, é, então, sobre esses impasses que são comuns nos dois campos de nossa abordagem aqui por essas páginas; ou seja: tratamos do prometido e do não cumprido, que tanto na literatura quanto no futebol ao invés de animar, alegrar, fazer sorrir, frustram igualmente leitores e torcedores. ▶



▶ Esse, portanto, é um daqueles contos de futebol que não trás nenhuma novidade técnico-literária e tampouco investe de forma segura em nenhum dos seus aspectos temáticos mais fascinantes como, por exemplo, os paradoxos de complementaridade e de fundação do jogo da bola. Aqui, novamente é tematizada uma situação que se não for devidamente elaborada de forma que dela se possa extrair um bom rendimento estético, o seu mero registro ficcional pode se tornar inócuo, senão perigosamente clichê, como é o caso em questão, de um sujeito que em meio a um fluxo poderoso de emoções díspares, morre em plena arquibancada do Maracanã, vitimado por um ataque cardíaco. Ou seja: o clássico quadro estrutural da reversibilidade semântica do futebol, por onde se pode ver que da mais funda alegria pode-se extrair a mais profunda tristeza.

Não que esta narrativa de Dias da Costa não se sustente do ponto de vista estético. O autor até que consegue uma boa empatia do leitor para com os acessos emocionais do seu personagem Luiz, um típico torcedor do Flamengo que depois de muito tempo sem ir a campo, retorna ao Maracanã para ver uma final de campeonato num dia típico de Fla-Flu.

Um tanto baqueado pela idade, condição existencial que, diga-se de passagem, o personagem só vem ter acesso por conta de sua condição de torcedor, Luiz outra vez se vê experimentando o que mais gosta de fazer: assistir ao seu Mengo jogar e disso extrair grande parte do significado da sua vida. Aqui, o futebol é tratado, através de um narrador em terceira pessoa, por um dos seus aspectos sociológicos mais controversos. Como pura evasão, por assim dizer, como “fuga do real, representação imaginária”, o que, nas palavras do historiador Hílário Franco Júnior,* inevitavelmente o liga ao mundo das artes, do cinema, do teatro, da literatura; por esse traço do campo artístico não se diferenciando dele de

forma alguma:

Luiz sentiu-se feliz. Naquele momento não estava se lembrando de uma porção de coisas chatas que enchiam a sua semana. Esquecia a luta com o agiota para arrancar mais aquele dinheiro que estava gastando ali, aquele agiota miserável que cobrava dez por cento de juros por semana; esquecia que só tinha aquela roupa de brim que trazia no corpo; esquecia a furunculosa da filha, o gênio ruim da mulher, a conta da padaria, os conselhos do médico do Sindicato, as safadezas do patrão, as discussões bestas na oficina sobre a bomba atômica, o preço dos gêneros, a vida apertada de todo dia.

Contudo, o problema geral dessa narrativa não é apenas essa visão alienante do futebol que ela deixa, nas entrelinhas, transparecer, numa outra clichêização de fundo temático. A ponto de seu personagem principal não atentar para a recomendação do “médico do Sindicato” e sustentar, por criação do narrador, nesse evento particular, o móvel da sua razão de ser e da própria história. Para o bem e para o mal, há mais que se observar nesta história curta em que Dias da Costa se aventurou glosar ficcionalmente o tema do futebol.

Pelo lado bom, ressalvemos alguns procedimentos narrativos de mínimo efeito estético da forma a se espalhar sobre o conteúdo. O primeiro deles é o narrador fazer coincidir a concepção do tempo da narrativa com o tempo interior vivido pelo personagem. E mais ainda: a passagem do tempo ser medida por índices intrínsecos ao mundo do futebol, o que faz gerar outra coincidência digna de nota, o mundo existencialmente significativo interior do personagem ser aferido pelos dados do mundo exterior do bolapé, como diriam os escritores dos tempos primários do futebol.

Exemplos:

Que é isso, Luiz, estás ficando velho? Vê lá se tu és torcedor de cadeira. Então estás esquecendo o teu pas-

sado? Tu que já andastes por todos os campos da cidade, acompanhando o teu Flamengo... Tu queres agora comprar cadeira no cambista, ficar no bem-bom, longe da torcida boa, dos bofetões, das bandeiras rubro-negras saracoteando, das cabrochas, da girafa – é a maior – das barracas, da charanga, das piadas boas... Tu estás ficando velho, Luiz? Tu que ias pra tudo quanto era campo. Pra Madureira, pra Bariri, pro Alçapão de São Cristóvão que caiu naquele dia, pro Fluminense, pra General Severiano, então, agora queres ir pra cadeira azul? Estás borocochô, Luiz?

Ou:

Isso era antigamente. Gostava daquilo tudo. Mesmo agora, imaginando, achava ainda bonito, sem saber bem por quê. Gostava de ver aquela gente toda, barulhenta, alegre, com trajes multicolores, se agitando pelos degraus largos de cimento da arquibancada, no meio daquela paisagem majestosa e calma, enquanto ele ficava lá embaixo, na geral, junto da cerca, junto do campo verde, perto do seu Flamengo, correndo no campo, suando a camisa. Coisa de antigamente.

Ora, esses dois trechos aí demonstram muito bem a eficácia estética da estratégia do narrador em dramatizar a transição de um tempo feliz vivido pelo seu personagem para um tempo que, no seu peito, se vai apertando, apertando, apertando... até que:

Voltou ao presente, estava de novo na fila pra comprar a entrada. Não havia pressa. Àquela hora nem o jogo dos juvenis começara. Tinha tempo. É verdade que estava chegando gente pra ‘xuxu’. Mas o Maracanã era grande – o maior do mundo! Tinha lugar pra todos. Pena é que não estivesse acabado, tão feio por fora, que não dava idéia do que era por dentro. Não deviam deixar estragar aquela beleza...

Esse ir e vir do tempo na cabeça do personagem, sempre pontuado por índices externos afeitos ao universo do futebol (por exem- ▶

► plo: a datação da história sendo feita pelos nomes dos jogadores daquele Fla-Flu, ou pela visão do Maracanã ainda em construção para abrigar jogos da Copa de 50 no Brasil), é um recurso narrativo bastante feliz para um tema que tem no seu aspecto mítico um apelo bastante forte para captar a atenção afetiva do leitor:

Esperou que os quadros se arrumassem e ficou contente de ver o Flamengo completo. Não faltava ninguém. Ari embaixo dos paus, Joubert e Pavão na zaga, os médios mais na frente, Jadir, Dequinha, e Jordan, e mais espalhados, no centro, Joel, Moacir, Henrique, Dida e Zagalo. Olhou para o outro gol e viu Castilho no arco, o homem da 'leiteria', Cacá e Pinheiro – arrumados como Joubert e Pavão do outro lado. Aquilo era bonito, sim, era de deixar a gente maluco, esquecer tudo. Já uma vez ele tinha dito: 'Para mim três coisas no mundo são sagradas – minha mãe, a memória do doutor Getúlio e o Flamengo.

Pois bem. Das três coisas sagradas para o personagem-torcedor, o Flamengo de Dida, Dequinha e Pavão, assim como a memória do doutor Getúlio, são realidades perfeitamente datadas que situam efetiva e afetivamente o leitor num tempo por volta do final da década de quarenta, início dos cinquenta, época muito cara na memória histórico-afetiva-cultural brasileira. E quem não se envolve com uma narrativa que de maneira relativamente bem realizada não desenvolve esse apelo?

Para encerrar, desçamos ao lado, digamos, não muito bem resolvido da narrativa. Esse mesmo passar do tempo tomado na sua função diegética, isto é, na sua tarefa de fazer avançar as ações da história de modo que culminem com o seu desfecho, é aqui exposto de modo bastante lugar-comum, prejudicando o efeito de sentido do conto, tornando-o de final surpreendentemente previsível, o que, para a tessitura de uma estória curta, é absolutamente injustificável. A não ser que haja uma razão de verossimi-

PARA SABER MAIS

Dias da Costa nasceu em Salvador, Bahia, em 1907. Foi redator, no Rio de Janeiro, das revistas *Pã e Leitura*. Publicou os volumes de contos, *Canção do beco* (1939) e *Mirante dos aflitos* (1960). Deixou um legado literário pequeno, mas expressivo, merecendo sua obra estudo de avaliação crítica. O conto “Uma vez Flamengo...” foi, originalmente, publicado na coletânea *Dias da Costa conta histórias do Mirante dos Aflitos*, publicada por Gumercindo Rocha Dórea Editor, em 1943, com o título, *De tarde e domingo: um conto de futebol*. Já com o título de “Uma vez Flamengo...” foi inserido na coletânea *Contos brasileiros de futebol*, organizada por Cyro de Matos e publicada pela Editora LGE, de Brasília, em 2005.

lhança interna plenamente sustentável, o que não é o caso deste caso.

Por fim, usei a expressão “surpreendentemente previsível” para classificar o desfecho final deste conto de Dias da Costa, para intencionalmente indicar

outra das suas maiores falhas: o tomar um paradoxo fundante do futebol (a sua fascinante característica de juntar opostos, ou sociologicamente falando, a sua constante estrutural de unir alegria e tristeza, local e universal, individual e coletivo, por exemplo) para “resolvê-lo” literariamente de forma ortodoxa e não paradoxal também, como simetricamente exigiria, a meu ver, essa dimensão antropológica do tema. Pode-se antever literalmente isso pela leitura do segmento textual imediatamente anterior ao seu desfecho:

Um grande clamor elevou-se nos ares nesse instante. Os morteiros explodiram na tarde clara, mulheres gritaram histéricas, a charanga tocou alto, e o estádio se agitou sacudido num pandemônio. E os locutores anunciaram nos seus microfones o gol do FLAMENGO.

Ressalvando que mulheres não só gritam quando histéricas, mas também de alegria incontida, assim como esse outro clichê linguístico do “grande clamor elevar-se nos ares nesse instante”, não preciso lembrar, pelo que foi dito no início desta resenha crítica, de que instante está-se tratando aqui para encerrar o conto. Previsibilidade plena. E assim como para o bom jogador no futebol, o que se deve exigir do bom escritor de estórias curtas é um bom grau de imprevisibilidade no trato com a palavra-bola. ✖



Edônio Alves é jornalista, poeta e professor de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

A instrução da noite

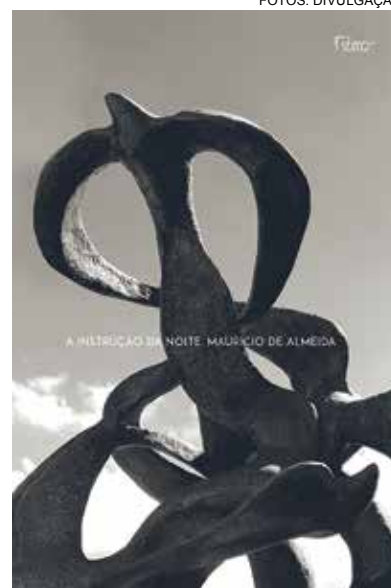
EXCERTO DO ROMANCE DE MAURÍCIO DE ALMEIDA, LANÇADO ESTE MÊS PELA EDITORA ROCCO



Maurício de Almeida cria metáforas inusitadas para falar, à sua maneira, da condição humana

Quero acender um cigarro e ter ao menos a proteção da nicotina e o acolhimento intermitente e diminuto da brasa para não me abater nessa transfiguração confusa de tudo que habita esse quarto (a cadeira dançando infestada de sombras, o armário exibindo as roupas penduradas em cabides, um exército de fantasmas estampados, espectros de lantejoulas e miçangas) enquanto ando esmerando calma, certa que um pouco de luz minguará o breu reinventando terrores, dando-lhes proporção. No entanto, toldando-me no silêncio e na prudência de ações controladas, fecho a cortina, tiro minha camiseta e a estendo ao pé da porta para que nenhuma fresta me faça possível aos olhares atentos dessas pessoas que desconheço nos retratos espalhados por todo o quarto (as fotos que Alice faz incessantemente como se estivesse em busca de alguém) pois sei que me julgam em desconfiança não só por atrapalhar o sono de Alice, mas também devido aos movimentos que acontecem ríspidos por conta da ansiedade com que busco algo que me afeioe e no qual eu me reconheça. Dedicado outra vez a vestígios, procu-

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Capa do romance de Maurício de Almeida, publicado pela Editora Rocco, do Rio de Janeiro

ro neste quarto um gatilho de memória que me convença ser o homem feito que sou e prove que estou vivo entre esses tantos fantasmas que é o pai me culpando pelo dinheiro que eu não tenho, a mãe me negando cuidados, Alice me ignorando num sono, você me assombrando em abandonos.

Palmilho o tropeço num par de sapatos, apalmo a lisa planície do tampo da escrivaninha povoada por pequenos objetos, um edifício regular de livros, a madeira fria da cadeira, a reconfortante aspereza de tecidos postos sobre seu respaldar. Entretanto, as roupas não têm meu cheiro, os sapatos não cabem nos meus pés, desconheço os livros que toco e os outros que quase não vejo mas que repousam enfileirados na estante, amparados por uma caranca enfezada, separados por um largo peixe talhado em madeira e um ramallete de flores secas. Perdido nessa empreitada ridícula, me aventuro em outros lugares e, quase ao lado da cama, descubro uma bolsa que boceja os papéis desorganizados dentre

**Que pode
Alice além de
me aturar por
não ter aonde
ir ou quem a
sustente, ela,
que depois
daquela noite
de uísques e
perversidades
pediu-me para
ficar porque
não tinha como
pagar o aluguel**

► os quais encontro uma máquina fotográfica que pego com raiva. Detesto o olho arregalado dessa lente, Teresa, porque há muito tempo Alice se punha a me fotografar

– sorria

e meu rosto compunha retratos desagradáveis (traços desarmônicos, olhos desalinhados, um sorriso no canto da boca) retratos que pioravam à medida que ela se impacientava, Alice por trás da máquina já quase a contragosto, eu fingindo naturalidade até brilharem dois ou três flashes e ela balançando a cabeça

– não ficaram boas

almejando outros rostos na métrica perfeita dos ângulos certos, olhos e bocas em sorrisos fáceis, ela encantada com feições graves, barbas por fazer moldando mandíbulas, olhares propondo enigmas, esses estranhos que ainda me observam. Desalentado por jamais satisfazê-la, sem esforço imaginava

(como agora imagino)

Alice satisfeita ao esquadrihá-los, ela dizendo a eles todos

– sorria

com a boca entreaberta como nos autorretratos que ela tem numa caixa ao alto dos vestidos, um maleiro repleto de Alices com os ombros nus sugerindo nudez, uma sedução implacável que nunca vi senão nessas fotos que por vezes roubo, o prazer ilícito de tê-la em poses e olhares. Porque, numa impertinência do tempo, restam a deterioração do que fomos e mais nenhuma garrafa de uísque nem a dedicação dela sobre mim em toques, só a boca desferindo palavras intransigentes como se mordidas, os olhos dela não procurando mais fotos no meu rosto como se me vissem desfigurado e confuso, nenhum retrato meu pela casa.

Aos pés da cama, inflamado pela rejeição, observo a silhueta dela dormindo indiferente a tudo que aconteceu e me sinto estúpido por essa vontade de acordá-la em violência, enchê-la de gritos sujos de assertividade, num impulso doentio pegá-la aos chacoalhões, pois sei que esse arroubo nada mais é que uma inevitável esperança

de compreensão e afeto: o ímpeto de acordá-la deve-se ao fato de imaginá-la tomando minhas mãos para beijar escoriações e dizer

– calma

ajeitando-se na cama com o propósito de me aceitar no colo, os dedos traçando caminhos aleatórios no meu cabelo, eu aninhado a ela sentindo segurança ao ouvi-la

– calma

indefinidamente. Risível, eu sei. Que pode Alice além de me aturar por não ter aonde ir ou quem a sustente, ela, que depois daquela noite de uísques e perversidades pediu-me para ficar porque não tinha como pagar o aluguel, o pai doente em sei lá que cidade, a mãe morta ou perdida no mundo? E mesmo ciente dessas contrariedades, envenenado por impulsos diabólicos e movido pela possibilidade de tê-la devota, escapa-me boca afora

– Alice?

e de pronto fico arrependido ao vê-la virando-se a mim e aquele ar ao redor dos olhos que é um sarcasmo duvidando da minha virilidade, ela menosprezando-me ao chão como se eu implorasse uma atenção há muito perdida, absolutamente oposto à segurança do siso de mandíbulas e barbas, aqueles estranhos.

Repreendo-me na expectativa de que ela não acorde, a respiração profunda, as mãos arranjadas em oração sob o rosto, Alice volta a dormir. Quanto a mim, conformado de que jamais encontrarei coisa alguma que me comprove vivo, o homem feito que nunca fui, ressinto ao aceitar que não adiantaria desnudar o armário de roupas, destruir as estantes aguentando os livros e revirá-los num esforço, esse tormento só catalisaria a claridade que há de me expor enlouquecido e aniquilado. Por isso, malgrado o inoportuno dessas vontades, tiro a roupa, deito desperto e distante do sono e, à sorte de desfechos, me dedico atento ao delicado rumor das árvores chovendo depois da chuva. ❖

Maurício de Almeida é escritor e antropólogo. Foi vencedor do Prêmio Sesc de literatura 2007 com o livro de contos *Beijando dentes* e lançou este mês, pela Rocco, *A instrução da noite*, seu primeiro romance. Nasceu em Campinas (SP) e reside em Brasília (DF).

FOTOS: INTERNET



Quedê

A PRIMEIRA POETA DA CASA
DE MACHADO DE ASSIS?

Diego Mendes Sousa
Especial para o *Correio das Artes*

- 1 - OLGA SAVARY
- 2 - ADÉLIA PRADO
- 3 - ASTRID CABRAL
- 4 - LENILDE FREITAS
- 5 - MARIA LÚCIA DEL FARRA
- 6 - ALICE RUIZ
- 7 - MARIA DE LOURDES
HORTAS
- 8 - MYRIAN FRAGA
- 9 - YEDA PRATES
- 10 - MARIA CARPI

A poesia abraçou muitas mulheres brasileiras durante o século XX, damas eruditas que redefiniram a linguagem e a alma da língua. São perfis comoventes e peculiares, de sóis e chuvas, que credenciaram o humanismo na chama das suas vozes clarividentes: Gilka Machado (1893-1980), Cecília Meireles (1901-1964), Adalgisa Nery (1905-1980), Henriqueta Lisboa (1901-1985), Dora Ferreira da Silva (1918-2006), Hilda Hilst (1930-2004), Adalcinda Camarão (1914-2005), Marly de Oliveira (1935-2007), Orides Fontela (1940-1998), Jacinta Passos (1914-1973), Lupe Cotrim Garaude (1933-1970), Helena Kolody (1912-2004), Cora Coralina (1889-1985), Lara de Lemos (1923-2010), Celina Ferreira (1925-2012), Zila Mamede (1928-1985), Leila Echaime (1935-2013), Lélia Coelho Frota (1938-2010), Yêda Schmaltz (1941-2003) e Déborah Brennand (1927-2015), dentre outras de olhares diversos e múltiplos. Todas, nomes inatos em permanência.

Em sua história centenária, a Academia Brasileira de Letras (ABL) abrigou oito escritoras: Rachel de Queiroz (romancista), Dinah Silveira de Queiroz (romancista), Lygia Fagundes Telles (romancista), Nélida Piñon (romancista), Zélia Gattai (romancista), Ana Maria Machado (romancista), Cleonice Berardinelli (professora e pesquisadora) e Rosiska Darcy de Oliveira (cronista). Nesta conta primacial, falta o primeiro grande nome feminino da poesia brasileira para representar, na Casa de Machado de Assis, a força da mulher poeta. Quedê?

Arrisco-me a apresentar vinte autoras atuais fundamentais, que construíram obras sólidas e expressivas, minadas de imagética e criatividade, que são absolutas em seus destinos com a palavra, razão maior de suas vidas.

Do norte ao sul do Brasil, elas levantam dicções díspares, solares ou noturnas, luzerais ou anímicas, sempre evidenciando claridades de seus corações ávidos de sonho e desejo. Poetas gigantes, singulares, que são aves

de voos longínquos e/ou ilhados.

Começo sensibilizado com Astrid Cabral (1936-; cânnon: *De deus em deus*), cuja principal qualidade é ser uma soberana alma do rio, vivente da água doce, de onde extrai suas sendas e alamedas. Sigo o erotismo de Olga Savary (1933-; cânnon: *Repertório selvagem*), paraense, vermelha dos magmas de sua explosão interior. Merece anunciação cuidadosa a paraibana Lenilde Freitas (1939-; cânnon: *A corça no campo*), cujo horizonte plana a sua corça de saltos belíssimos. Da Bahia, vem a encantadora realeza de Myriam Fraga (1937-; cânnon: *Marinhas*), exemplar a cada manifestação de seu lírico universal. Pelo centro do palpitar do país, encontro a formidável metafísica rilkeana de Darcy França Denófrío (1936-; cânnon: *Amaro mar*) e descendo um pouco mais, chegando a Minas, revejo a filosofia alada de manhãs e tecidos desérticos de Lina Tâmega Peixoto (1931-; cânnon: *Água polida*), até cair no mar de cantos e assombros de Yeda Prates Bernis (1926-; cânnon: *O rosto do silêncio*).

Do Rio de Janeiro, na vida acelerada de suas paisagens paradisíacas, miro o vulto emblemático de uma Stella Leonardos (1923-; cânnon: *Geolítica e outros 249 títulos de alta vocação*) ou a finesse do amor incansável de uma Margarida Finkel (1929-; cânnon: *No tear dos ventos*). Mas quero o absinto das palavras recolhidas na visão de Renata Pallottini (1931-; cânnon: *Arcos da memória*); as pequeninas peças de uma inspiração incomum nos átomos de Eunice Arruda (1939-; cânnon: *É tempo de noite*); e o mel de pelagens da paranaense Dirce de Assis Cavalcanti (1932-; cânnon: *O livro dos mistérios*), a escultora Daja, corpórea no sangue e na glória, uma voz renascida.

Como a memória é uma inscrição de Deus e os símbolos, um tapete da fé, por que não sagrar Adélia Prado (1935-; cânnon: *Bagagem*)? E sobre a beleza geral da dor de Maria Carpi (1939-; cânnon: *A força de não ter força*), essa pampiana de luz, lateja as esfomeadas sementes do extraordinário. E na atmosfera

de um atlântico de infâncias e lembranças, entrego a tecelagem extremamente literária de Maria de Lourdes Hortas (1940-; cânnon: *Relógio d'água*), portuguesa mais pernambucana que conheço.

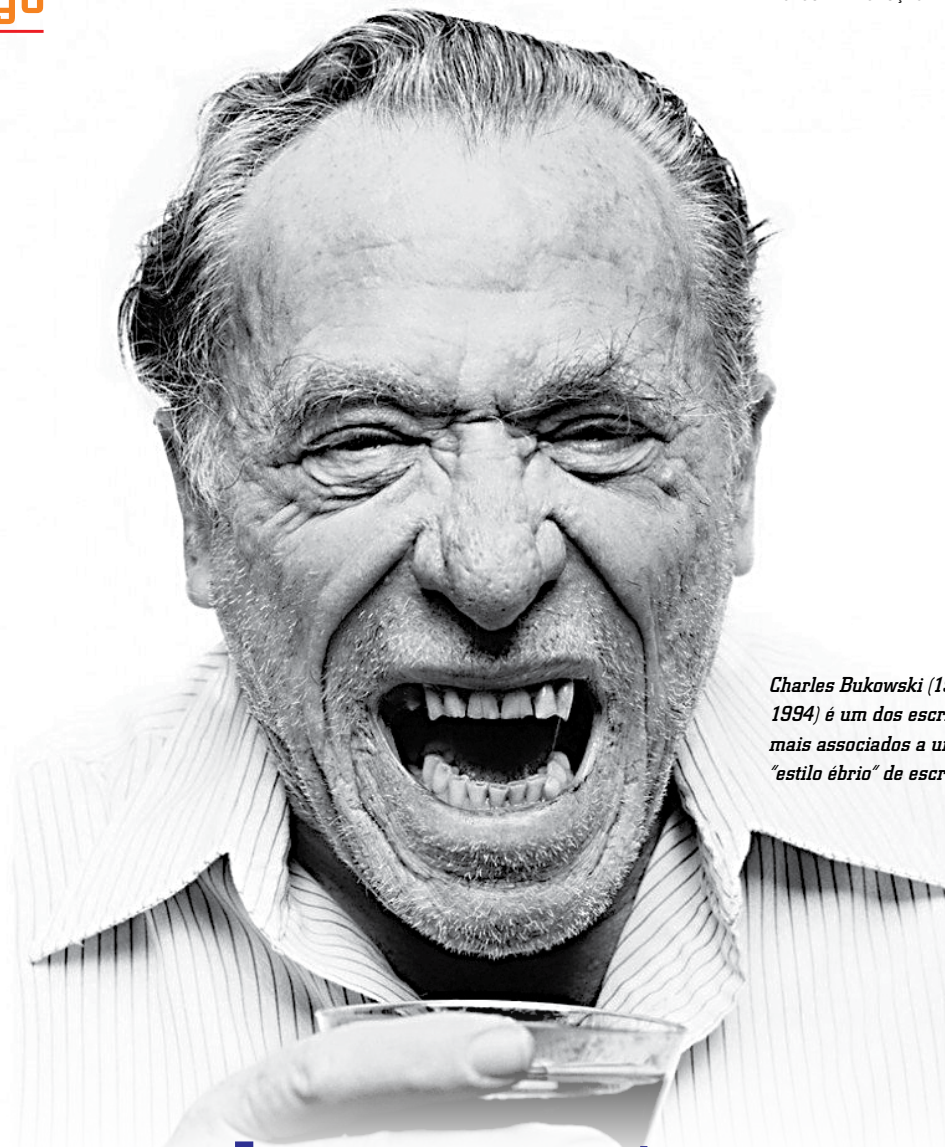
Se a contenção é uma forma de alumbramento, leio sempre os silêncios de Alice Ruiz S (1946-; cânnon: *Navalhanaliga*); e navego na lua imaginária de Denise Emmer (1958-; cânnon: *O inventor de enigmas*), que ilumina o céu de Ipanema ou do Irã; e as frutas e os legumes de Maria Lúcia Dal Farra (1944-; cânnon: *Livro de auras*), que experimentam formas novas de dizer o perecível nos poemas.

Estudiosa, alfabética e preliminar a cada raio de sua inteligência é Leonor Scliar-Cabral (1929-; cânnon: *Sagração do alfabeto*).

Proponho ao leitor destas linhas, que sugira mais um nome de elegância e essência (Maria José Giglio, Vera Pedrosa, Leila Mícolis, Raquel Naveira, Dalila Teles Veras, Vera Lúcia de Oliveira, Carolina Ramos, Terêza Tenório, Lourdes Sarmento, Alice Spíndola, Marita Vinelli, Lucila Nogueira, Mirian de Carvalho, Janice Japiassu, Rita Moutinho, Thereza Christina Rocque da Motta, Cláudia Ahimsa, Ana Miranda, Mariana Ianelli, Sonia Sales, Angélica Torres Lima, Maria Helena Chein, Neide Archanjo, Regina Lyra, Aglaia Souza), porque tenho pleno medo de ser injusto.

Caberá aos quarenta admiráveis imortais da nossa Academia Brasileira de Letras - em uma oportunidade futura - dignificarem o seu nobre lar, com a lucidez de uma dessas poetisas originais, que transcrevo resolutamente releio, coração comovido, que se amplia. ✦

Diego Mendes Sousa é escritor, jornalista, documentarista, promotor cultural e blogueiro literário. Publicou, entre outros, os livros *Divagações* (2006), *Metafísica do encanto* (2008), *Alma litorânea* (2014) e *Tinteiros da casa e do coração desertos* (2015). Mora em Teresina (PI)



Charles Bukowski (1920-1994) é um dos escritores mais associados a um "estilo ébrio" de escrever

Nem todo poeta é boêmio

PARA
ALGUNS
A VIDA É UM PRÊMIO

Gilmar Brasileiro
Especial para o *Correio das Artes*

Algo me inquieta já há algum tempo e que de certa forma desencoraja-me do costumeiro hábito de escrever (...) mesmo que

não seja lá grande coisa, mas que, sob determinadas circunstâncias, possam trazer uma luz ou lenitivo para alguém sobrecarregado e desorientado.

A questão é a seguinte: sempre que leio as crônicas literárias, artigos, resenhas, alguém me insinua que é no fogo acalorado das mesas de bares que se forja a nata da intelectualidade tupiniquim e alhures... Sim, até mesmo nos portentosos salões da fidalguia romanesca, as noites são regadas (e as almas renegadas) por finos e traiçoeiros licores, gin, vodca, uísque... em que correm farrapos humanos sob a roupagem aristocrática.

Esta minha cisma intensificou-se ultimamente depois de algumas leituras etílicas, pouco retilíneas, que me adentraram as narinas, sem perturbar-me os passos da jornada. Trata-se de textos já publicados outrora – porém, a bebida é atemporal e ▶

▶ parece ter o dom da ubiquidade – sobre a boemia dos poetas românticos, em especial Álvares de Azevedo, o qual fora acometido de tuberculose e morreu prematuramente, exclamando: “Que fatalidade, meu pai!”.

Outro artigo recente, aqui mesmo no *Correio das Artes*, edição de outubro de 2014, sobre o “Panorama Literário de Campina Grande”, em que aparecem os intelectuais na... “Fruteira de Cristino”. Não sei se por ironia ou se “fatalmente” o tal Cristino “progrediu” de sua primitiva quitanda aos auspícios da Drogeria Etílica. Eis que a tal “Fruteria” era justamente o ponto de encontro da boemia letrada – sabia? Não sei – a qual toda noite profanavam seus fígados & Cia, com o etanol barato – caro também fazia o mesmo efeito.

Triste maneira de ganhar a vida, a do vendedor de drogas (mesmo as lícitas)! Bem que se poderia chamar, sim, Bar dos Sucos, onde os nossos poetas “sábios” pudessem se confraternizar com a consciência tranquila (palavra de Maranhão - assim

mesmo, sem trema) e sem tremer as mãos e cozer o fígado.

Antigamente, certa elite intelectual até ensaiava um tal “Chá da tarde”, mas parece que as ervas eram um tanto sedativas, coisa de mulher, e a intelectualidade precisava de algo mais quente, que mantivesse a mente aberta para outras novidades, além da vida deserta das unives(Sali)dades ou para preciosas confabulações, alerta para altas inspirações, contanto que não fosse do céu tão altas, pois poeta que se preza...” ajoelha, mas não reza”. Nada de arroubos metafísicos, êxtases, samadhi... “Estou preso à vida e olho meus companheiros, eles estão taciturnos...” (Drummond).

Alguém depois teve a ideia de propor um tal de “Café Filosófico”, outra droga permissiva, porém, como o chá, permitiria abrandar a crise de consciência com a vantagem de deixar a mente um pouco mais “produtiva”. Com o tempo, verificou-se que o tal café, já não tinha o mesmo sabor do grão filósofo de antanho e restringia-se cada

vez mais ao paladar insípido da crítica literária.

Outra matéria que me chamou a atenção foi sobre o “menestrel” Virgínius da Gama e Melo (*Correio das Artes*, edição de agosto de 2015), com seu carisma aglutinador da “juventude transviada” dos anos 50/60, a nata pensante e pulsante em volta das mesas da Churrascaria Bambu ou do Cassino da Lagoa, dava suas “aulas extras” – uma extensão da academia – uma versão moderna, caricatural, de um Artur da Távola redondamente enganado quanto à mística do ser e da metafísica do corpo. Preferia a Física do corpo.

Talvez Sócrates ficasse ruborizado com a permissividade pueril dos novos pupilos (e mesmo dos “mestres”) e até entenderia, de fato, se fosse o seu caso, o motivo de sua causa mortis: “corrupção da juventude”.

Fiz estas digressões iniciais, a fim de conjecturar sobre um aspecto que considero fundamental relacionado à ontologia da vida plena: a preservação da vida mesma como instrumento de serviço à humanidade, nossa missão nobre, mesmo que simples e rotineira. E o escritor às vezes esquece que a vida é um dom precioso e desatina nos bares e cantinas, com suas cantilenas, lamúrias e ladainhas... Vive enfeitado com sua própria autoimagem – puro narcisismo e hedonismo (deturpado) – que não enxerga o próprio corpo como maravilhosa engrenagem biológica – um microcosmo formidável.

Penso que os poetas deveriam estudar mais ciência e os cientistas, mais poesia. Porém, tudo isto é pouco se não transcender ao mero existencialismo niilista da falsa modernidade – o “Humano, demasiado humano”. Isto de sublimação é para poucos! Isto é para os que amam a vida, para os que a têm como um prêmio (Dharma); para aqueles que con-



Vinicius de Moraes (1913-1980), além de exímio sonetista, era um fumante e bebedor de uísque inveterado

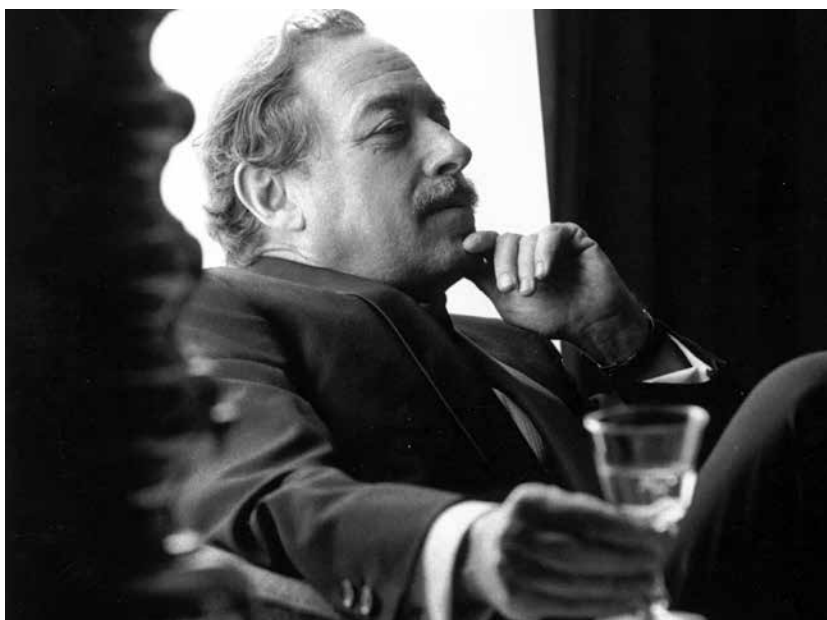
▶ servam a “mente sã em um corpo são” e me parece que, definitivamente, o álcool não combina com essa assertiva milenar.

O escritor é uma antena de seu tempo. É imperativo que cheque a ecologia do seu corpo e do planeta - sua extensão - que entenda e refute os agrotóxicos e transgênicos, que cultive a “poesia orgânica”, que tome banho de sol, mar e chuva... sinta o sabor das uvas, sem capas e luvas... espalhe cultura viva, vida em suas páginas coloridas, com a mesma desenvoltura com que inventa estórias, fantasias, tece personagens, memórias em versos ou prosa.

Enfim – não do Henfil – algumas palavras sobre famosos bebedores e abstêmios, que me caíram nas mãos enquanto redigia este artigo, através da revista *Galileu*, edição de outubro de 2015 -, discussão entre médicos e sociólogos sobre a relação álcool e criatividade na literatura. Conta-se que William Faulkner, que veio ao Brasil em 1954, para um congresso de escritores, bêbado, até no aeroporto, indaga: “Afim, o que eu vim fazer em Chicago?”.

Outros como Charles Bukowski, Jack Kerouac, Edgar Allan Poe, F. Scott Fitzgerald, Ernest Hemingway, Tennessee Williams, etc. vivenciaram verdadeiras tragicomédias – semelhante a anterior - e as explicações são várias e controversas para o consumo do álcool, onde o bar seria uma espécie de “confessionário” profano e público para chorar as desventuras amorosas, um antídoto para timidez, ansiedade e depressão, predisposição genética e até mesmo uma compensação para a falta de dopamina, a molécula do prazer, etc. Até mulheres escritoras como Marguerite Duras não ficaram imunes às estripulias de Baco e chegava a esvaziar oito garrafas de vinho por dia, no auge da doença, depois que parou de beber escreveu sua obra-prima: *O amante*.

No Brasil, temos também os famosos representantes do copo, como Graciliano, Leminsky, Vinícius, Jaguar... Aliás, é de Vinícius a célebre frase: “O uísque é o melhor amigo do homem, ele é o cachorro engarra-



Tennessee Williams (1911-1983) era viciado em álcool e morreu num quarto de hotel, engasgado com uma tampa de garrafa



Marguerite Duras (1914-1996) escreveu O amante e A dor e também era conhecida como a roteirista do filme Hiroshima, meu amor, de Alain Resnais

fado” e acrescenta: “Metade de minha obra foi feita quando eu estava meio bêbado. E a outra metade, quando estava meio sóbrio”. Ressalte-se, contudo, que o poeta-filósofo Afonso Romano de Sant’Anna, em rasgados elogios ao poetinha, admite que sua obra peca pela irregularidade, de altos e baixos e que talvez sem o álcool fosse melhor. Tal é o pensamento do ex-alcoólatra Ruy Castro e é dele a palavra final: “A bebida não impediu que escritores alcoólatras fossem geniais. Mas é provável que sem o álcool eles fossem mais geniais.”

Então, um brinde com Suco de Poesia Integral, direto do Bar dos Sucos, a todos os sóbrios, naturistas e iluminados, transgressores do infinito, embriagados de êxtase..... nos espaços azuis... ▶

Aos poetas S. João da Cruz,
Dante, Virgílio, Goethe,
S. Francisco e Zé da Luz,
Zé Ramalho, Zé Limeira
Sóror Saudade, Terezinha de Jesus,
Pero Camões, Vaz por onde Caminha...
Sozinhas, Marias das Dores na fila do SUS!

Gil Braz Campus, Parahyba, Outubro/2015.

Gilmar Brasileiro é poeta e servidor público federal. Tem participações em coletâneas. Nasceu em Gama (DF) e mora em João Pessoa (PB)



A estrela cadenta

Iniciamos com uma advertência ao revisor e ao leitor: é exatamente isto o que vocês estão lendo – *estrela cadenta*! O título deste pequeno ensaio se justifica diante da celeuma provocada pelo termo *presidenta*. As argumentações a favor do termo vão desde uma razão de seu registro na língua portuguesa até a afirmação da identidade de gênero, simples bajulação ou coisa que o valha. Poderíamos dizer em favor do termo

que o sistema de nossa língua permite, tendo em vista que existe *governanta*, ainda que com um sentido diferente do masculino *governante*. Tanto quanto poderíamos argumentar contra o termo de várias maneiras, evocando, por exemplo, o uso. É possível que passado o ímpeto revolucionário, sempre desejoso de inovar e de reinventar a roda, o termo caia em desuso. O verbo soer está devidamente documentado na língua e a última pessoa que o utilizou, segundo a minha falha memória, foi o poeta Camões.

Vejamos o caso de *governante/governanta*. Assim como *presidente/presidenta*, trata-se de um adjetivo verbal proveniente de um particípio presente. O fato é que o adjetivo se fossilizou e, com o passar do tempo, foi substantivado. Em latim, o particípio presente é um adjetivo de segunda classe, uniforme. O que significa que há uma única forma para masculino, feminino e neutro. Assim, **gubernans, gubernantis**, o que tem o leme do navio, portanto, o que governa o navio, ou **praesidens, praesidentis**, o que preside ou que está sentado à frente, o que vela e protege, portanto, o que comanda, o que dirige, o que preside, são aplicados aos três gêneros. O problema é que na evolução da língua

latina para a língua portuguesa, a uniformidade de gênero do particípio presente caiu em desuso e o termo subsistiu apenas em alguns adjetivos ▶



O que não podemos fazer é obrigar, por lei ou pelas injunções do, desculpem, politicamente correto, todos a dizer *estrela cadenta* ou chamar a presidente de *presidenta*. Sobretudo porque a língua tem seus caprichos e não dá muita importância à lei escrita dos homens.

▶ substantivados que se congelaram: estudante, amante, pedinte, ouvinte, mais modernamente cadeirante, contribuinte, cadente, decadente, conveniente... Chamamos a atenção para o fato de que evoluir não significa necessariamente progredir, avançar. Etimologicamente, tem o sentido de abrir-se para fora (podemos, sim, abrir para dentro!), expandir-se. Mesmo na evolução das espécies, não evolui o melhor ou o mais inteligente ou o mais bonito, mas o que se adaptou melhor às exigências da natureza.

Para ilustrar o que dissemos a respeito do termo evoluir, voltemos a *governante/governanta*. Enquanto a governante administra uma casa e a mantém funcionando em ordem, o mesmo não acontece com o governante. Como já nos referimos antes, o termo governar vem do latim *gubernare*, pelo grego *kubernáw*, com o sentido de dirigir o navio, ter em mãos o timão, de comandar (interessante pensar que cibernética tem a mesma origem...). O piloto é o *kubernétes*, em grego, ou o *gubernans*, em latim. Por mais que o navio esteja à deriva, no Brasil, ainda chamamos quem o dirige de governante... Já em relação a *presidente/presidenta*, o termo vem do verbo *praesideo, praesidere*, que, como sabemos, significa estar à frente e, por extensão, defender, proteger. A palavra presidio (*praesidium, praesidiu*) é da mesma raiz, mas não protege ninguém. Nem os que estão dentro, nem os que estão fora. A evolução destes termos, como vemos, não foi das melhores. No entanto, o uso é que faz a palavra continuar existindo, mesmo que ela não corresponda a sua etimologia.

Não estamos querendo com isto dizer que as pessoas não podem ou não devem utilizar o termo *presidenta*. Acreditamos que fica a critério de cada um. Não há erro em utilizar um ou outro. Apenas ainda não estamos acostumados ao uso. É como se de repente alguém começasse, por uma afirmação de gênero, a dizer *estrela cadenta*. A situação é a mesma, com a utilização do particípio passado *cadens, cadentis* do verbo *cado, cadere*, cair. Não

está errado, apenas o uso faz soar mal em nossos ouvidos. É óbvio que, do ponto de vista etimológico, a questão é mais complexa, pois houve uma confusão dos termos eruditos *aster, asteris, estrela*, masculino no latim, com o termo *astrum, astri*, neutro no latim, de sentido mais amplo, designando *estrela, astro* ou *céu*. O uso, no entanto, consagrou na língua corrente o vocábulo *stella, stellae*, de onde provém diretamente *estrela*, embora a sua etimologia remonte aos termos anteriores. De qualquer forma, em latim seria *aster cadens, astrum cadens* ou *stella cadens*, sem mudança da forma do particípio presente.

Diante destes fatos, o que não podemos fazer é obrigar, por lei ou pelas injunções do, desculpem, politicamente correto, todos a dizer *estrela cadenta* ou chamar a presidente de *presidenta*. Sobretudo porque a língua tem seus caprichos e não dá muita importância à lei escrita dos homens. Ela se guia pelo uso, contrariando muitas vezes o seu sentido original ou o que se encontra nas regras gramaticais. Veja-se o motivo por que não se pode obrigar todos a um determinado uso. O pronome *todo*, em latim, é *omnis, omnis*, no nominativo singular. Quando o declinamos no plural, encontramos no dativo e no ablativo a forma *omnibus*, que no primeiro caso significa para todos; no segundo, por todos, com todos. De *omnibus* resultou *ônibus*, que, por definição, é a única coisa que é para todos e, ainda assim, nem todos podem pagar uma andada de *ônibus*. Trata-se, inclusive, de um fato singular. É a única situação em que uma desinência de caso transforma-se em substantivo – *bus, buzu, busão*.

Enfim, presidente ou presidenta, quando se trata de uma mulher no cargo; estrela cadente ou estrela cadenta; a diferença entre governante e governanta, tudo vai ser estabelecido pelo uso e, ainda assim, nem todos vão obedecer. ❖

Milton Marques Júnior é professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB).



E se Jesus voltasse à Palestina?!

Rodrigo Caldas

Especial para o *Correio das Artes*

As lágrimas correm pela face de Maria... Seu olhar de mãe contempla, com pesar reservado, a face do seu filho agonizante sob o sol cáustico da árida Judéia.

Aquele corpo definhado, massacrado pela agressão de seus algozes, banhado em sangue e feridas abertas, cozinhando sob o sol calcinante, desenha uma silhueta em forma de cruz. A cruz onde eram lentamente mortos os criminosos, os indesejados, os marginalizados da Judéia romana. A pena de suplício era um símbolo do poderio de Roma, o maior império do planeta. Um império que detinha o poder de vida e de morte. Um império do tamanho do mundo, com suas legiões de guerreiros que conquistavam povos e estendiam as fronteiras da grande Roma sobre todos os povos da humanidade. “Deus salve Cesar”, o homem mais poderoso e afortunado sobre a terra.

Mas aquele corpo frágil, agonizante, que transpirava sangue por todos os poros, estendia seus braços presos em uma cruz como que ▶

► querendo abraçar toda a humanidade que, como ele, sentia dor, agonia, angústia e solidão diante do sol impiedoso e da morte que se avizinhava sem qualquer pudor. Sentia sede e fome, sentia-se abandonado por seus seguidores, homens e mulheres que seguiram os seus passos e escutaram suas pregações. Uma legião de homens, mulheres, velhos e crianças que acompanharam com admiração o rastro daquele homem que falava em amor e misericórdia, em uma terra marcada pela seca, fome, sede, opressão e ocupação por um inimigo estrangeiro e militarmente mais forte.

Pregado em uma cruz, aquele corpo que se desintegrava, que se derretia em uma poça avermelhada que tingia sua pele e se acumulava sob os seus pés com as marcas da opressão tatuadas sobre o seu corpo, expressava os seus últimos momentos nesse mundo, a dor de um Deus, um Deus que se crucificou, que se flagelou, que se permitiu cobrir com o manto da dor, para se fazer humano. Um Deus que se fez humano e deu sua carne e sangue em um ato de misericórdia, para redimir os pecados de uma humanidade inteira.

Jesus morreu naquele dia, entre dois ladrões, entre a blasfêmia e a piedade.

Maria, anônima e solitária, chorou as lágrimas que se misturaram ao sangue do seu filho morto...

As últimas palavras do homem foram: "Pai, por que me abandonaste?!"

A Palestina é como os romanos a chamavam desde o sec. II da nossa era, mais precisamente *Syria Palaestina*, a parte sul da província romana da Síria. Um território que ia da costa oriental do mar mediterrâneo às fronteiras ocidentais dos atuais Iraque e Arábia-Saudita. Compreendendo os territórios das atuais Jordânia, Israel, sul do Líbano, faixa de Gaza e Cisjordânia. Foi nessa terra que floresceu o monoteísmo, a crença em um único Deus, a maior criação teológica da história que unificou todos os homens, de todas as origens, raças e credos sob um mesmo sig-



no teológico, o signo de um Deus único. Um Deus que cobria a humanidade inteira, como a metáfora de um Deus crucificado que abraça toda a humanidade, em um ato derradeiro de misericórdia.

Entre o último suspiro de um Deus crucificado e a sua volta ao mundo dos homens se passaram mais de dois mil anos, a humanidade explodiu demograficamente, hoje somos 7 bilhões, 4 bilhões só na Ásia. O mundo, nesse intervalo de tempo viu a queda de Roma, o império mais poderoso e influente do mundo antigo, o florescer e a queda de outros tantos impérios, a eclosão de guerras, mortes, genocídios e o gozo temporário daqueles que se acreditavam senhores do mundo, um mundo que sempre se lhes escapava por entre os dedos.

Foi em um dia qualquer, em meio ao deserto, pedras e o calor de um sol inclemente que um colono de um assentamento judeu na Palestina viu aquele homem magro, solitário, feio e com o corpo coberto por marcas de feridas

mal saradas, vagando em sua propriedade.

- Hei! Heiii!!! O que pensa que está fazendo?! Essas são minhas terras?! Você enlouqueceu?!

O homem de aspecto sofrível se volta em sua direção, provavelmente um andarilho palestino, um mendigo sem abrigo de algum acampamento de refugiados e provavelmente enlouquecido pela fome, pensou Abraão.

- Desculpe, meu senhor. Essas são suas terras?! (Disse o homem com voz amável em um tom de admiração)

- Sim, são minhas, serão dos meus filhos, e desde sempre, segundo as sagradas escrituras do povo escolhido, o povo de Israel.

- Eu só queria um pouco de água... Estou sentindo muita sede, acho que tem uns dois mil anos que não bebo... (Sorriu)

O colono judeu o olha com desconfiança... Aquele homem é um palestino que veio perscrutar suas terras, para depois trazer sua horda de assassinos, pensou... Depois de um breve silêncio o colono apontou uma espingarda de dois canos para o ►

► forasteiro de aspecto repulsivo e andrajoso e disse com ferocidade...

- Você tem cinco minutos para sumir da minha frente, das minhas terras, eu juro por Deus que se não sumir em cinco minutos eu estouro seu crânio!!!

Não muito distante dali, na faixa de Gaza, uma mãe chora a morte do seu filho. Era uma criança de 9 anos. Ele foi morto em um ataque aéreo das forças militares de Israel na noite anterior. Sua casa foi destruída, há meses ela e seus outros três filhos não sabem o que é tomar banho, pois falta água. O alimento é racionado, ela é viúva, pois seu marido foi morto ao tentar cruzar a fronteira em busca de emprego, por um soldado de Israel, há 2 anos.

Gaza é uma estreita faixa de terra, apinhada por 2 milhões de almas oprimidas, desde a década de 40, após o fim da Segunda-Guerra, os habitantes de Gaza passaram a ser denominados de palestinos, um povo sem Estado, sem liderança, sem reconhecimento. Tendo como vizinhos os judeus, um povo historicamente perseguido, fundadores da mais poderosa tradição teológica do ocidente, que após o genocídio de 6 milhões de judeus em terras europeias, resolveu regressar à terra prometida. Os palestinos, tão dignos da mesma histórica e tão perseguidos quanto, passaram a dividir, por força da pressão da comunidade internacional, suas terras com os judeus, terras essas que não bastavam para tantos judeus que chegavam de todas as partes do mundo, que vinham às terras da antiga Palestina para criar um Estado novo, o Estado de Israel.

Aos poucos, os palestinos foram sendo empurrados para aquela estreita faixa de terra, a Faixa de Gaza. Desde a guerra dos seis dias, onde Israel derrotou o Egito e os demais países do mundo árabe e se apossou da Cisjordânia e empurrou os palestinos para aquele pequeno gueto que se converteu na Faixa de Gaza, um gueto como aquele de Varsóvia, onde, anos antes, os judeus sentiram fome, sede e a força de um inimigo impiedoso e



militarmente superior.

O corpo de Ismael Mohammed, 9 anos, é envolto na bandeira palestina, banhado em sangue, coberto de feridas, o seu rosto conserva a expressão angelical de um anjo. Sua mãe, Samira, cabisbaixa, chora a morte do filho em silêncio, já gritou, vociferou, suas lágrimas derramaram copiosamente, agora, seu choro era para dentro. O corpo de seu pequeno Mohammed foi levado por uma multidão a gritar palavras de ordem contra o inimigo assassino de crianças. O pequeno Mohammed estava jogando com seus primos no terraço de casa quando uma bomba lançada pela força aérea israelense os colheu de forma fatal. Em meio aos escombros, o pequeno Mohammed teve sua alma precocemente devolvida ao poleiro das almas, seu pequeno corpo, vertido em troféu de guerra nas mãos e sob os gritos de seus compatriotas.

A noite caíra, as estrelas cintilavam em um céu claro e aberto, onde podia se ver o traçado luminoso da via láctea. Abraão, após a ceia, pensa na estranha visita daquele forasteiro magro, feio e com o corpo coberto de marcas. Contempla da sua janela, a larga propriedade, onde ele trabalha de sol a sol para plantar e colher os frutos daquela terra sagrada, a boa terra que desde o início dos tempos estava reservada ao escolhido povo de Israel.

Aquele dia atípico o fez pensar... Trouxe à sua memória as lembranças de seu pai, sobrevivente do campo de concentração de Sobibor, na Polônia. As histórias que ele lhe contava, sobre os perversos soldados da *Schutzstaffel*, a SS alemã. Das milhares de pessoas mortas nas câmaras de gás, do despojo de seus pertences, da existência desumana de fome e opressão, onde o pedaço de uma batata podre boiando no esgoto era uma iguaria disputada a tapas por aqueles judeus e ucranianos sobreviventes ao ímpeto assassino da SS.

Abraão carregava na sua própria carne aquelas memórias e histórias. O extermínio da família de seu pai, onde este fora o único sobrevivente e a sua fuga ►



► desesperada de *Sobibor*, onde seu pai fora um dos cinquenta a escapar com vida dentre centenas de fugitivos assassinados. Para Abraão a construção de um Estado Judeu foi o maior feito da história desde a fuga do cativo no Egito. Desde fins do sec. XIX coexistia a doutrina racista que tinha no povo judeu seu alvo preferencial na Europa, e a doutrina sionista que pregava a reunificação do povo judeu no oriente-médio. Esse preconceito antisemita não foi uma invenção germânica, existia de forma difusa por toda a Europa. Ele aparece na literatura de Gogol, em *Taras Bulba*, romance que retrata a formação da identidade nacional ucraniana, onde o judeu é descrito como um vilão. E está presente também na esclarida França, desde meados do sec. XIX, onde parte considerável de sua população apoiou a ocupação alemã nazista e colaborou com a deportação de judeus para campos de extermínio.

Aquela terra que hoje dava frutos foi semeada com o sangue dos seus antepassados, Abraão

era só o titular atual de uma propriedade que vai além de seu patrimônio, faz parte do patrimônio de um povo inteiro como condição de possibilidade para as gerações vindouras do povo escolhido de DEUS.

Abner é um militar do exército de Israel, *Tzahal* em hebraico. Desde os dezoito anos, Abner segue aquele rígido regime militar. O exército de Israel é o quarto mais poderoso do planeta e é conhecido mundialmente pelo rigor draconiano de seus treinamentos. Desde que aquele conflito eclodiu, Abner pilotava um tanque blindado, algo que lhe dava orgulho e o fazia sentir irmanado ao seu pai e avô. Filho de Abraão sempre ouviu as histórias de perseguições e assassinatos contra o seu povo, sabia que cabia a ele a defesa de sua história, de seu povo e de seu território.

O gigante de metal que cortava barreiras, arames e barricadas em território palestino caçava os inimigos de sua estirpe, o *Hamas* era a própria encarnação de todos aqueles séculos e séculos de

intolerância, de egípcios a nazistas. Onde o sangue judeu foi derramado e suas tradições negadas pela ignorância e preconceito de povos alienígenas. Seu tanque cortava aquele solo pedregoso e seco, eclodia em disparos contra um inimigo covarde que não mostra o rosto e se esconde atrás de sua população civil de velhos, mulheres e crianças. Abner é um militar que ora, jejua e conhece a Torá em todos os seus detalhes, a poesia teológica reverbera sobre o seu blindado que é a encarnação dos exércitos de guerreiros judeus, como o seu próprio nome sugere, como os exércitos do lendário rei Saul.

Desde que voltara ao mundo em forma humana, Jesus só encontrou fome, sede, guerra e morte. Vagou pelo deserto, avistou o primeiro ser humano após dois mil anos e recebeu como cartão de visitas uma ameaça de morte. Se em sua primeira passagem, Jesus encontrou o oriente-médio oprimido pela ocupação romana, sendo perseguido, condenado, torturado e assassinado. Em ►

▶ sua segunda aparição o filho de Deus se deparou com uma terra marcada pela discórdia, por radicalismo, insensibilidade e muita violência. Se o império romano era coisa do passado, o império da discórdia era coisa do presente. Por onde passou, dessa vez, Jesus foi completamente ignorado, confundido com um andarilho ou um refugiado, de israelenses e palestinos não encontrou nenhuma receptividade. A primeira pessoa que dele se aproximou, o enxergou e resolveu aplacar sua sede foi uma jovem palestina de 17 anos. Morena de olhos negros e cabelos castanhos, ela, após semanas, foi o primeiro ser humano a falar civilizadamente com o filho do criador após dois mil anos...

Madeeha era o seu nome, uma garota palestina de 17 anos, sem família e que vivia nas ruas de Gaza desde os 10 anos. Sobrevivera pela indulgência e pelos serviços que seu jovem corpo prestava. *Madeeha* tinha uma memória seletiva, dos pais não recordava muito, apenas de uma enorme explosão que jogara tudo e todos pelos ares. Vivía do lixo, abrigando-se entre os escombros e à noite aprendera a alugar o corpo em troca de comida. Apesar de uma existência extrema e oprimida, *Madeeha* conservava um estranho brilho no olhar, um rosto lindo e moreno, aquela atmosfera de morte, dor e sofrimento parecia não subtrair o brilho vital que a animava a sobreviver a cada dia nas ruas tomadas por mendigos famélicos, lixo e escombros na populosa cidade de Gaza.

Jesus sentia fome, sede e seu corpo estava trêmulo de fraqueza. Sem forças para cumprir a sua missão, o filho de Deus sentia as forças o abandonarem, não imaginava que seria um retorno tão difícil, após dois mil anos a humanidade não aprendera nada, todos os vícios persistiam e agora eram ainda piores. Entre os escombros do último bombardeio israelense à Gaza, o filho do criador chorava como chorou há mais de dois mil anos no deserto. Seu corpo trêmulo e fragilizado pela fome

encontra o olhar afável de *Madeeha*, a jovem e bela prostituta palestina. Ela lhe oferece água e comida ao som das explosões do exército de Israel e os zumbidos dos foguetes do *Hamas*.

Ahmed era jovem, impetuoso e seu coração fervilhava em um ódio atroz àquele que julgava ser o causador de todos os males, o diabólico Estado de Israel. Com suas botas negras e camisa verde, Ahmed era um soldado do *Hamas*, uma organização política e filantrópica, nascida como o braço palestino da Irmandade Muçulmana do Egito. Uma organização política que promove assistência social na Faixa de Gaza e resistência armada a Israel. Seu objetivo é criar um Estado Palestino em seu território histórico, com isso negando existência a Israel. Ahmed foi treinado por organizações paramilitares, carrega no corpo e na alma os embates contra o exército de Israel, é um sobrevivente que não pensa em outra coisa, senão destruir o Estado sionista que oprime o seu povo, o povo palestino.

Jesus andou entre o povo, falou de amor e misericórdia, clamou para que todos os oprimidos e insultados o seguissem em seu reino de justiça e concórdia. Mas por onde passou, do deserto, assentamentos judeus e Gaza, o filho do criador não encontrou seguidores. Só recebia aquele olhar de desconfiança ou, quando muito, um sorriso zombeteiro. Jesus, em Gaza, foi levado diante de uma liderança local, pois se dizia o rei dos judeus, o filho de Deus. O jovem Ahmed, guerreiro ardiloso de vários embates contra as poderosas forças militares de Israel, diante de Jesus não fez mais que ignorá-lo, ordenando aos seus soldados que o espancassem e o jogassem para fora da cidade de Gaza, pois estava ocupado demais para tratar com aquele famélico enlouquecido e prestidigitador.

Jesus foi espancado, torturado e jogado na periferia de Gaza. *Madeeha*, a jovem prostituta, foi sua única seguidora fiel. Em suas delicadas mãos o filho do criador encontrou trata-

mento para suas novas feridas, assim como aquelas que os romanos tatuaram em sua pele há mais de dois mil anos. No olhar de *Madeeha*, Jesus encontrou um brilho de ardor, um ardor de uma mulher apaixonada e que o desejava. Jesus a venceu, com muita relutância dela, de que ele não poderia amá-la como ela queria, pois era um Deus encarnado em forma humana, seu amor era um amor que iria além do desejo carnal, era um amor pela humanidade inteira, ainda que essa mesma humanidade não o entendesse. Ela também não o entendeu e continuou apaixonada pelo homem que falava em amor, fé, justiça e em um reino onde os últimos seriam os primeiros.

Jesus, sentindo que tinha escolhido o momento errado para voltar, resolveu mais uma vez adiar o reino de Deus na terra. Sentia que os homens deveriam antes encontrar sua paz interior, a concórdia, mas em um ato derradeiro, dois mil anos depois, Jesus seguido de *Madeeha* se colocou como um escudo humano, entre o exército de Israel e o *Hamas*, em meio a uma multidão de famintos, desabrigados, desiludidos de ambos os lados, Jesus caminhou por um corredor de fogo, entre os foguetes do *Hamas* e os tanques e baterias antiaéreas de Israel. Entre o coração cheio de ódio do soldado Ahmed do *Hamas* e o orgulho salvacionista de Abner, o soldado de Israel, que pilotava e assassinava através do seu tanque de última tecnologia. Jesus, desiludido, evaporou no deserto da Palestina, deixando atrás de si a indiferença daqueles que não o ouviram, uma legião de exaltados que citavam a Torá e o Corão e se explodiam de ambos os lados. No rastro de Jesus, só o olhar doce de uma jovem prostituta pareceu entender sua passagem... ❖

Rodrigo Caldas é advogado com a atuação em direitos humanos e mestrando em direitos humanos, cidadania e políticas públicas da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).





123
anos

2016





uma nova História
para uma nova

A UNIÃO

Reserve seu anúncio (83) 3218.6526
Faça a sua assinatura (83) 3218.6518



A UNIÃO Superintendência de Imprensa e Editora

www.paraiba.pb.gov.br |    [uniaogovpb](https://www.facebook.com/uniaogovpb) |  uniaogovpb@gmail.com

www.pb.senac.br



VONTADE DE APRENDER

**BOM NEGÓCIO É
CONTRATAR UM
APRENDIZ
DO SENAC**



ORGANIZAÇÃO

**JOVEM
APRENDIZ**

**ABRA ESPAÇO PARA UM APRENDIZ.
OS CURSOS DO SENAC ESTÃO VOLTADOS
ÀS NECESSIDADES DAS EMPRESAS.**

Senac